

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MATTEUS SANTOS DE OLIVEIRA**

**Ecos do Outro: Historiografia, Xenofobia e o Imaginário Grego no  
Período Clássico**

**GOIÂNIA**

**2024**

**MATTEUS SANTOS DE OLIVEIRA**

**Ecos do Outro: Historiografia, Xenofobia e o Imaginário Grego no  
Período Clássico.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. Ivan Vieira Neto

**GOIÂNIA**

**2024**

Dedico a mim mesmo. Não pela jornada tranquila, mas pela coragem de olhar para o que ficou para trás, encarar os fantasmas e, ao invés de ser engolido, pegar todo aquele caos e transformar em algo que vale a pena. Este trabalho é a prova de que, quando a vida tenta me derrubar, eu só me levanto mais forte.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, a quem expresso minha profunda gratidão. Sua orientação perspicaz e ensinamentos foram essenciais para que eu pudesse navegar pelos caminhos obscuros do mundo antigo, trazendo luz e revelando as maravilhosas riquezas do conhecimento de forma leve e aventureira.

Agradeço de coração à Hevilyn, minha querida dama, cujo apoio incondicional foi um esteio ao longo da minha jornada. Sua presença constante, suas palavras de encorajamento e sua força nos momentos mais desafiadores me deram a determinação necessária para enfrentar e superar os obstáculos que surgiram.

Por fim, agradeço de maneira sincera e com muito carinho à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que me proporcionou uma oportunidade inestimável ao conceder a bolsa social. Graças a esse apoio, pude trilhar o caminho acadêmico, um caminho que antes parecia impossível para mim, vindo de uma situação de extrema pobreza, nascido sob a certeza de que a morte espreitava em cada canto. Espero profundamente que outras pessoas também possam ter essa oportunidade e que ela não seja desperdiçada.

## RESUMO

O objetivo do trabalho é examinar a construção da identidade grega clássica, a partir das narrativas históricas e literárias desenvolvidas na pólis, principalmente Atenas, durante o período das Guerras Greco-Pérsicas, explorando a origem da historiografia, destacando Heródoto e Tucídides, que inauguram diferentes abordagens para a memória histórica, com Heródoto introduzindo uma narrativa que combina mitologia e razão e Tucídides estabelecendo um método mais crítico e empírico, sem deixar de analisar de maneira profunda, a construção da identidade em meio aos conflitos bélicos e apresentando os eixos da guerra como catalisadoras de uma consciência identitária grega, distinguindo helenos e bárbaros. As obras teatrais trágicas de Ésquilo e festivais como as Grandes Dionisíacas, serão abordados a partir de uma perspectiva de reforço de ideal grego e criação de um imaginário cultural que eventualmente se tornará presente nas metáforas e nas expressões artísticas, destacando liberdade e tirania. Por fim, abordarei ainda, a influência da aristocracia e da riqueza dentro das participações políticas, para ressaltar a maneira como os gregos viam os estrangeiros e como a relevância das narrativas heroicas e de glória como formas de perpetuar uma identidade grega coletiva, construída em contraste ao “outro” e mantida viva na memória cultural e nos registros históricos.

**Palavras-chave:** Historiografia; Guerras Greco-Pérsicas; Identidade; Pólis; Alteridade; Barbarismo.

## ABSTRACT

The aim of this study is to examine the construction of classical Greek identity through historical and literary narratives developed in the polis, primarily Athens, during the Greco-Persian Wars. It explores the origins of historiography, highlighting Herodotus and Thucydides, who established different approaches to historical memory, with Herodotus introducing a narrative that blends mythology and reason, and Thucydides establishing a more critical and empirical method. The study also deeply analyzes the construction of identity amid wartime conflicts, presenting the axes of war as catalysts for a Greek collective consciousness, distinguishing Hellenes from barbarians. The tragic works of Aeschylus and festivals like the Great Dionysia are examined as mechanisms for reinforcing Greek ideals and creating a cultural imagination that became evident in metaphors and artistic expressions, underscoring themes of freedom and tyranny. Finally, this study addresses the influence of aristocracy and wealth on political participation to highlight how the Greeks viewed foreigners and how heroic and glorious narratives served to perpetuate a collective Greek identity, constructed in contrast to the “other” and sustained in cultural memory and historical records.

**Keywords:** Historiography, Greco-Persian Wars, Identity, Polis, Alterity, Barbarism.

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1- A POLIS E O NASCIMENTO DA HISTORIOGRAFIA:HERÓDOTO, TUCÍDIDES E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA .....</b>	<b>12</b>
1.1 Heródoto: Entre Mito e Razão.....	15
1.1.1 Da Mitologia à História: A Inovação Narrativa de Heródoto.....	16
1.1.2 Destinos e Divindades: Nêmesis.....	18
<b>2- IDENTIDADE E LIBERDADE: A TRANSFORMAÇÃO DAS FONTES NAS GUERRAS GRECO-PÉRSICAS.....</b>	<b>20</b>
2.1 Representações de Barbárie: A Perspectiva Ateniense na Tragédia de Ésquilo.....	22
2.1.1 Metáforas do Jugo e Reflexões sobre Identidade e Liberdade.....	28
2.2 Hélade e Barbarismo: A Construção de uma Identidade Grega Durante o Conflito.....	31
2.3 Origens e evolução da distinção entre helenos e bárbaros.....	34
2.3.1 A Perspectiva Aristocrática na Representação dos 'Bárbaros'.....	38
2.3.2 A Influência da Riqueza na Participação Política e Cultural em Atenas.....	42
<b>3- TEATRO, TRAGÉDIA E ALTERIDADE: REFLEXÕES SOBRE XENOFOBIA NA PÓLIS DE ATENAS DURANTE AS GUERRAS GRECO-PÉRSICAS.....</b>	<b>44</b>
3.1. As Grandes Dionisíacas em Atenas: Um Espaço de Celebração, Política e Identidade na Antiga Pólis.....	46
3.2 A Análise dos Fragmentos e Contribuições de Sófocles e Eurípedes.....	48
3.2.1 Ésquilo e o Contexto Político e Social de Atenas.....	53
3.3 Salamina: O Combate pela Liberdade.....	55
3.3.1 Narrativas de Glória: A Exagerada Força Persa na História.....	59
3.3.2 Corpo, Virtude e Cidadania: A Percepção Grega da Identidade Pública.....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo explorar a Grécia clássica em um de seus períodos mais dinâmicos, marcado por constantes transformações e um cotidiano em que as guerras eram parte da normalidade. Minha intenção é esclarecer a maneira a qual os princípios gregos foram estabelecidos e como tal proposta afetou aqueles que se viam como espectadores do acontecimento.

Para tal, irei explorar o contexto do medo do estrangeiro, do bárbaro, do não grego de modo geral, e a ameaça que este seria, para aqueles que poderiam se chamar cidadão e como este poderia facilmente perder seu modo de vida, ao mínimo descuido.

Um ponto importante é a maneira como a alteridade será explorada e como a xenofobia se fará presente no contexto da Grécia clássica, ainda que de modo inconsciente. A xenofobia pode ser definida como o medo ou aversão a pessoas de outras culturas e nacionalidades, eventualmente, observam-se ao longo da História diferentes manifestações da aversão aos “estrangeiros”, contudo, na Grécia Clássica, este sentimento adquiriu contornos muito específicos, uma vez que os helenos distinguiam entre estrangeiros, quer dizer, gregos oriundos de outras póleis, e bárbaros, isto é, gentes oriundas de outros países e culturas, que não dominavam a língua grega.

Essa característica pode ser remontada aos primórdios da Grécia Antiga, mas se destaca em composições da Época Clássica como a tragédia *Os Persas*, escrita por Ésquilo por volta de 472 a.C. A peça retrata a invasão pérsica à Grécia e as consequências da guerra para ambas as partes.

A afirmação de que “a história é escrita através da ótica dos vencedores” é um ponto inicial inevitável e inegável, para compreender as complexas relações entre poder, narrativa e identidade ao longo de todos os séculos. Quando consideramos a forma como os eventos históricos são moldados e eventualmente repassados, é de maneira muito importante, reconhecermos a forma como as escritas e as narrativas irão desvirtuar seus caminhos, propositalmente ou não, indo por caminhos perigosos.

A partir desse contexto, esta pesquisa tem por objetivo analisar a representação do outro na tragédia, nos escritos e no que chegou ao nosso tempo.

Por meio da análise literária, pretendo compreender como a hostilidade em relação aos estrangeiros era percebida e tratada na sociedade grega clássica, bem como as motivações por trás, e suas implicações para a política ateniense, com consequências para a convivência entre gregos e bárbaros.

Para tal, é necessário esclarecer que a noção de “bárbaro” era uma construção cultural que designava todos aqueles que não eram gregos, e essa categorização se refletia na política, na religião e na literatura, pois se acreditava que evitando a presença bárbara os gregos manteriam a ordem social e política vigentes.

A compreensão da alteridade é relevante em todas as sociedades, pois tem implicações diretas nas relações interculturais, nas concepções sobre os direitos humanos e nas decisões políticas.

Os estudos sobre a xenofobia na Grécia Antiga são especialmente relevantes, uma vez que a cultura grega exerceu forte influência na formação das culturas ocidentais e, portanto, ajudam a compreender as raízes das hostilidades em relação aos estrangeiros, portanto, podem contribuir para uma compreensão mais ampla sobre a historicidade do fenômeno da xenofobia na História e na cultura ocidental.

Na antiguidade, particularmente no contexto do Mediterrâneo do século V a.C., todo esse processo se une para se tornar ainda mais evidente. Quando exploramos as batalhas, as tragédias e as memórias que emergiram desse período, nitidamente podemos observar como as narrativas foram construídas de maneira cuidadosa, não somente para documentar os eventos, mas também para moldar e construir a identidade grega, conseqüentemente, construindo identidades inimigas.

As guerras Greco-persas, que marcaram uma era de intensos conflitos e resistência, irão revelar um cenário de batalhas por autonomia e para os gregos em especial, uma preservação de sua cultura, onde ambas se entrelaçam, deixando de ser uma mera disputa territorial, tornando-se assim, acima de tudo, uma complexa afirmação do coletivo, de um povo, temendo a perda de seu eu unido.

Nesse sentido, a figura do invasor persa, transforma-se em um símbolo com vários sentidos, não somente um inimigo para se derrotar, mas também a personificação da destruição das pólis.

Ésquilo, o dramaturgo grego que vivenciou e participou do conflito, através de suas narrativas e de suas obras, exalta as batalhas de Maratona e Salamina, ele as

celebra, não somente como vitória militar, mas também como triunfo ático contra um inimigo enorme, que carrega em seu âmago, opressão e servidão.

A dicotomia entre o opressor e o oprimido será fundamental para a construção de uma narrativa que exaltava a coragem e a resiliência dos gregos, transformando suas lutas em histórias heroicas que ecoariam através das gerações. O fato notável, é que tal construção de identidade, também traz à tona, questões de exclusão e simplificação, ao focar nas vitórias e na glorificação do povo grego, outras vozes e perspectivas serão distorcidas e até mesmo apagadas.

O relato dos vencidos, das cidades que se alinharam com os persas ou das divisões internas entre as próprias cidades-estados gregas muitas vezes é relegado a um segundo plano, se não completamente esquecido, de tal maneira, tornando a escrita histórica, uma arma. A história, ao ser escrita, corre o risco de se tornar uma ferramenta de legitimação e de propaganda, reforçando narrativas que servirão aos interesses daqueles que se sairão vencedores.

Portanto, minha pretensão ao vasculhar os escritos e as narrativas da antiguidade, não serão somente para destacar a glorificação da identidade grega, mas também examinar criticamente a maneira como essas histórias foram construídas e quais vozes foram silenciadas ou marginalizadas.

A luta pela autonomia e pela preservação da cultura grega, apesar de suas vitórias retumbantes, não pode ser vista como um processo unidimensional, ele precisa se revelar como uma tapeçaria complexa, tecida a fios de conquistas e tragédias, esperanças e medos, estes que moldaram, não somente a identidade grega, como a forma em que a história é lembrada até nossos dias e a maneira a qual tão sentimentos, refletem a política e a interação social, principalmente no ocidente.

Portanto, minha pesquisa objetiva analisar o fenômeno da aversão aos indivíduos e povos não-gregos entre os antigos helênicos, pensando as categorias estrangeiro e bárbaro na Grécia Antiga. Para concretizar, irei contextualizar o cenário cultural e político de produção da tragédia *Os Persas*, definindo as expectativas de Ésquilo em relação à Atenas Clássica, sem deixar de explorar as demais escritas da época e que são tão caras a esta compreensão.

Os elementos culturais e políticos que refletem a diferenciação entre estrangeiros e bárbaros na Grécia Antiga, serão analisados e desenvolvidos, e pretendo, também, compreender os processos históricos que nortearam o

desenvolvimento de uma cultura xenofóbica na sociedade grega antiga e suas implicações sociopolíticas.

Este trabalho, que investiga a aversão grega aos bárbaros, foi conduzido por meio de uma análise histórica fundamentada na interpretação de fontes primárias e secundárias, buscando compreender as dinâmicas culturais e políticas que moldaram essa oposição. O processo heurístico ao qual eu recorri, teve início pelo levantamento das fontes históricas e pela separação do referencial teórico, metodológico.

A fonte primária desta pesquisa será a tragédia *Os Persas*, escrita pelo tragediógrafo eleusino Ésquilo (525 - 456aEC). Como fontes secundárias, utilizarei às obras de Homero, Heródoto e Tucídides, bem como a outras peças trágicas do Período Clássico.

Como suporte teórico e metodológico para a análise das fontes, recorro aos conceitos de "poder" e "representações" apresentados por autores como Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Roger Chartier, Stuart Hall e Norbert Elias. A História Cultural fornecerá o arcabouço teórico-metodológico para a análise das fontes, valendo ressaltar aqui a importância da obra História Cultural do historiador inglês Peter Burke.

Com base nesse referencial teórico, analisarei como a tragédia grega retratou a xenofobia e de que forma essa sensibilidade cultural, social e política estava conectada ao imaginário dos atenienses no Período Clássico.

Os dados coletados na pesquisa serão utilizados para análises qualitativas, com foco nos discursos e práticas xenofóbicas tanto no contexto antigo quanto no mundo contemporâneo.

Espera-se com esta pesquisa compreender o fenômeno cultural, social e político da xenofobia na Antiguidade e sua relação com os discursos e práticas das autoridades helênicas, em especial na cidade de Atenas durante o Período Clássico.

Partindo da leitura sobre a percepção do outro como ameaça nesta sociedade organizada e politicamente sólida, meu objetivo é compreender como se desenvolveu a ideia da xenofobia no Mundo Antigo e pensar sua continuidade na Contemporaneidade, pensando possibilidades de conscientização da sociedade contemporânea e estratégias de combate às posturas xenofóbicas atuais.

## 1- A POLIS E O NASCIMENTO DA HISTORIOGRAFIA: HERÓDOTO, TUCÍDIDES E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA

Quando pensamos sobre o mundo antigo, um fato que vem a mente é a estrutura e organização da polis.<sup>1</sup> A polis, como nos lembra Vernant (2002, p.53), era muito mais do que apenas uma cidade; era um espaço vibrante onde a organização política e social incentivava a participação ativa dos cidadãos. Nesse ambiente dinâmico, o debate público e a valorização da autonomia eram partes essenciais da vida cotidiana.

Essa configuração única proporcionou um florescimento intelectual e cultural que acompanhou a evolução das comunidades urbanas no mundo antigo. A mentalidade da polis, segundo Vernant (2002, p.24), moldou não apenas as atividades diárias dos cidadãos, mas também influenciou profundamente a maneira como eles enxergavam o mundo ao seu redor e suas interações com ele.

É nesse contexto rico que se desenvolve uma nova visão de mundo, aberta à especulação científica e filosófica. A polis grega se tornou um verdadeiro berço da filosofia, onde pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles exploraram questões profundas sobre a natureza da realidade, o conhecimento e a ética. Além disso, esse ambiente propiciou avanços significativos nas áreas da matemática, da astronomia e da medicina, solidificando a polis como um centro de inovação e reflexão.

O aparecimento da polis constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só no fim alcançará todas as suas consequências; a polis conhecerá etapas múltiplas e formas variadas. Entretanto, desde seu advento, que se pode situar entre os séculos VIII e VII, marca um começo, uma verdadeira invenção; por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos (Vernant, 2002, p. 53).

Um aspecto particularmente significativo dessa razão social, como explora Veyne (1998, p.70), foi o nascimento da historiografia ocidental. Heródoto, compilou sua obra monumental, os nove livros (Histórias), que vai marcar um ponto crucial na historiografia, no que viria ser o princípio da historiografia ocidental, na Jônia, a história oscilava entre história e geografia, dentro dessa ideia, Heródoto se destacou por

---

<sup>1</sup> A polis era a unidade política fundamental da Grécia Antiga, representando uma cidade-estado com suas próprias instituições políticas, sociais, culturais e religiosas. (Vernant, 2002, p.53)

utilizar as etapas das conquistas persas como pretexto para narrar as origens das guerras greco-pérsicas.

De acordo com Veyne (1998.p.72), sua obra se apresenta como uma revista geográfica dos povos conquistados, na qual, Heródoto não só relata os eventos, mas também revisita e explora a etnografia dos grupos citados, destacando as culturas, conflitos e proporcionando uma compreensão mais ampla.

No começo, na Jônia, o que devia ser um dia o gênero histórico vacilou entre a história e a geografia; Heródoto toma como pretexto as etapas das conquistas persas para narrar as origens das guerras médicas sob a forma de uma revista geográfica dos povos conquistados, lembrando o passado e a etnografia atual de cada um desses povos. Foi Tucídides, com sua maneira de pensar próxima dos físicos, que, tomando a trama de uma guerra como amostra para estudar os mecanismos da política, deu, involuntariamente, a impressão de que a história era a narrativa dos acontecimentos de uma nação; Finalmente, é a continuação maquinal, por Xenofonte, da narração tucidiana que selou a tradição da história ocidental, originada de um mal-entendido cometido por um medíocre continuador (Veyne, 1998, p. 72-73).

Esta abordagem foi inovadora, afinal, se tratou de buscar compreender o passado através de uma combinação de relatos, consultas e diagnósticos. Burgos (2010, p.02), aponta que Heródoto, ao relatar e desenvolver tal método, torna-se a ser chamado de “Pai da História”, posteriormente, dentro da própria historiografia.

No entanto, tal qual todos aqueles que iniciam um processo, ele será criticado. Seus meios e abordagens são questionadas inicialmente por seus sucessores, como Tucídides, que embora não o critique diretamente, deixa claro sua alusão aos escritores anteriores.

Como todos os precursores, o sábio de Halicarnasso foi vítima de incessantes críticas, tendência já inaugurada por Tucídides, para quem os trabalhos de cronistas e logógrafos anteriores se baseavam em “fatos sem provas e, na maior parte, devido ao passar do tempo, incríveis e imersos no mito”; a alusão a Heródoto, embora indireta, é evidente (Burgos, 2010, p. 02)<sup>2</sup>.

Para Burgos (2010, p.02), este que eventualmente virá a relatar a Guerra do Peloponeso, não deixou de criticar o meio em que Heródoto se baseava para escrever seus relatos, argumentando que as suas obras se baseavam em “fatos sem provas”, e que com o passar do tempo, muitos desses relatos se tornariam incrivelmente imersos no mito.

---

<sup>2</sup> *Como todos los precursores, el sabio de Halicarnaso ha sido víctima de incesantes críticas, tendencia inaugurada ya por Tucídides, para quien los trabajos de cronistas y logógrafos anteriores descansaban sobre “hechos sin pruebas y, en su mayor parte, debido al paso del tiempo, increíbles e inmersos en el mito”; la alusión a Heródoto, aunque indirecta, es evidente (Burgos, 2010, p. 02).* Tradução nossa.

Tucidides procurou estabelecer um novo padrão de rigor histórico, enfatizando a necessidade de evidências verificáveis e uma abordagem mais crítica ao relato dos eventos, enquanto que Heródoto buscava somente capturar a complexidade de tais eventos e das culturas nele envolvida.

Ainda sem sair da historiografia na antiguidade, a personalidade de Heródoto, foi centro de críticas e questionamento intenso sobre a precisão e a confiabilidade de sua obra. Um significativo exemplo dessas críticas, está no trabalho de Plutarco, especificamente em sua obra intitulada de *Malignitate Herodoti* (Sobre a Malícia de Heródoto), onde, de acordo com Silva (2010, p.34), Plutarco expressa de forma contundente, que se sente “obrigado a defender os nossos antepassados e a verdade, contra os seus escritos”. Uma afirmação que reflete um profundo descontentamento com a maneira a qual Heródoto relatou os eventos históricos e as figuras do passado.

Como sinalizado por Silva (2010, p.35), Plutarco com sua crítica, não apenas desafiava a precisão dos relatos de Heródoto, mas também tentava proteger a integridade da memória histórica dos gregos. Em seu de *Malignitate Herodoti*, Plutarco argumenta que Heródoto, ao relatar eventos e figuras, muitas vezes sucumbia à invenção e ao exagero, comprometendo a verdade histórica.

Desde a época de Plutarco, como sucede, Burgos (2010, p.02), as acusações contra Heródoto oscilam entre dois extremos principais. Por um lado, ele afirma que alguns críticos veem Heródoto como um crédulo ingênuo, que aceitava e reproduzia mitos e tradições sem a devida análise crítica, incorporando lendas e histórias populares, como será apontado por Tucídides.

E por outro lado, existe a perspectiva de que Heródoto era um hábil mentiroso, que deliberadamente fabricava ou distorcia informações para criar uma narrativa mais envolvente e dramática como apontado por Plutarco. São acusações pertinentes que podem revelar mais sobre Heródoto e como este pode ter utilizado de sua criatividade para manipular os eventos e as figuras históricas a fim de atender a certos objetivos narrativos, o que significa, colocar os persas em uma posição mais comprometedora ao longo das eras.

## 1.1 Heródoto: Entre Mito e Razão

No que diz respeito ao mito, Heródoto desempenhou um papel crucial na transformação do tratamento histórico e filosófico dos eventos, alinhando-se ao movimento iniciado pelos filósofos Tales e Anaximandro.

Enquanto, Tales e Anaximandro estavam entre os primeiros a buscar explicações racionais e naturais para o mundo, afastando-se da explicação mitológica predominante, Heródoto, por sua vez, adaptou essas inovações para o campo da história. Ele tentou iniciar uma abordagem que equilibrasse a tradição mitológica com uma investigação mais crítica e analítica dos eventos.

A propósito do mito, Heródoto inaugura na história a transformação que Tales e Anaximandro haviam iniciado na filosofia. Essa transição foi capturada em estado incompleto pelos estertores agônicos do mundo antigo, e é evidente que, firmados nos começos do processo, os nove livros de Heródoto se dedicam mais à mitologia do que, por exemplo, os Anais de Tácito. Heródoto nunca renunciou ao mito, assim como a Hélade em geral nunca o fez, apesar de ter sido seduzida pelo logos; no entanto, abundam em sua obra as tentativas conscientes de explicar os eventos a partir da evidência e dos testemunhos humanos, afastando-se da fantasia épica dos heróis e deuses (Burgos, 2010, p. 02).<sup>3</sup> Tradução nossa.

Como aborda Momigliano (2004, p.27), ainda que sua obra, composta pelas nove histórias, esteja enraizada na mitologia e na tradição, ela também incorpora esforços conscientes para explicar os acontecimentos históricos com base em provas e testemunhos humanos. Já para Momigliano (2004, p.28), seria justamente tal esforço que representou de fato, uma transição significativa na historiografia, marcando uma mudança gradual em relação ao mito e o épico.

A mitologia com suas narrativas de heróis e deuses, ainda desempenhavam um papel importante na maneira como os contemporâneos de Heródoto compreendiam os eventos correntes, ainda assim, de acordo com Momigliano (2004,

---

<sup>3</sup> *A propósito del mito, en tanto, Heródoto inaugura en la historia la transformación que Tales y Anaximandro habían iniciado en la filosofía. Dicho tránsito fue sorprendido en estado incompleto por los estertores agónicos del mundo antiguo y es obvio que, afincados en los comienzos del proceso, los nueve libros de Heródoto atienden más a la mitología que, por ejemplo, los Anales de Tácito. Heródoto nunca renunció al mito, como jamás lo hizo la Hélade en general, por mucho que fuera seducida por el logos; sin embargo, abundan en su obra los intentos conscientes por explicar los sucesos a partir de la evidencia y los testimonios humanos, alejándose de la fantasía épica de los héroes y dioses (Burgos, 2010, p. 02).*

p.38), autores posteriores, como Tácito, cujas *Anais*<sup>4</sup> representam uma abordagem mais sistemática e crítica da história, demonstram, eventualmente, uma menor dependência das tradições mitológicas, afinal, Tácito, escrevendo em uma época posterior, estava mais distante das influências míticas.

### 1.1.1 Da Mitologia à História: A Inovação Narrativa de Heródoto

Uma questão de veracidade firmada a Heródoto, está presente quando, este, ao iniciar sua obra, segue a tendência crescente na Grécia antiga de afirmar a individualidade e a identidade pessoal do autor. Tal impulso para a afirmação pessoal, tão característico do pensamento grego, vai refletir a valorização da autoria e da responsabilidade intelectual.

Heródoto se destaca por adotar um costume iniciado por Hecateu de Mileto, este que foi um dos primeiros historiadores a apresentar sua própria identidade e origem no início de suas obras, marcando uma inovação na forma como os autores se posicionavam em relação ao seu trabalho.

O historiador apresenta seu nome e procedência, seguindo a tendência de afirmação da individualidade, tão típica do pensamento grego. A costume de se apresentar no início da obra foi realmente inaugurada por Hecateu de Mileto, mas Heródoto é um dos primeiros a imitá-la (Burgos, 2010, p. 02).<sup>5</sup>

Este processo iniciado por Hecateu e sucedido por Heródoto, é um enfoque que se diferencia marcadamente da abordagem mitológica, tradicional ao período, onde a origem das histórias e dos eventos se perde na névoa densa da tradição oral. O fato é que como afirmado por Eliade (1986, p.35), o mito é frequentemente anônimo e transmitido de geração para geração, não necessitando de autor específico.

No contexto de sua narrativa, Heródoto demonstra claramente essa abordagem mais centrada. Quando ao descrever, por exemplo, a morte do tirano Polícrates de Samos, que foi assassinado pelo sátrapa persa Orestes, Heródoto não se limita a relatar o evento como uma mera sequência de acontecimentos, em vez

---

<sup>4</sup> Os *Anais de Tácito (ou Annales em latim)* são uma das obras mais importantes da historiografia romana, escritas pelo historiador e senador romano Tácito entre os anos 100 e 120 d.C. A obra é uma narrativa histórica que cobre o período do reinado de Tibério (14-37 d.C.) até o de Nero (54-68 d.C.), embora partes do texto tenham se perdido ao longo do tempo (Momigliano, 2004, p.38).

<sup>5</sup> El historiador presenta su nombre y procedencia, siguiendo la tendencia de afirmación de la individualidad, tan típica del pensamiento griego. La costumbre de presentarse al comienzo de la obra fue realmente inaugurada por Hecateo de Mileto, pero Heródoto es de los primeros que le imita (Burgos, 2010, p. 02). Tradução nossa.

disso, ele oferece uma visão mais ampla, situando Polícrates no contexto da luta pelo poder no mar Egeu.

Tirano de Samos, morto em 523 a.C., Polícrates tornou-se famoso por ter construído o porto de Samos, o templo de Hera e um túnel que levava água para a sua cidade. Contudo, a prosperidade de Polícrates provocou a rivalidade do sátrapa Orestes, que o atacou e o destituiu do seu poder. O revés sofrido por Polícrates era motivo de máximas morais, que assinalavam a questão de quanto a vida é incerta, que ora podemos estar no auge, ora no mais total declínio, pois o tirano conheceu uma vida próspera e teve um fim trágico. É interessante que o mito do tirano mostra que Polícrates tinha consciência de sua elevada boa sorte, visto que um dia atirou seu sinete ao mar, em uma tentativa de diminuir sua riqueza e poder, mas um peixe o trouxe de volta. A história de Polícrates remete-nos ao encontro de Cresos com Sólon, relatado por Heródoto no Livro I, Capítulos 30 a 33, nos quais o autor destaca o pensamento soloniano sobre a relatividade da felicidade em vida (Silva, 2016, p. 142).

Heródoto, de acordo com Burgos (2010, p.02), ainda observa que Polícrates, ao aspirar à hegemonia sobre a Jônia e as ilhas, é um dos primeiros líderes na “chamada idade humana”, a tentar alcançar tais ambições. E está referência a “idade humana”, sugere um momento histórico distinto, ao qual as aspirações políticas e o exercício do poder são abordados de forma mais sistemática.

Pouco antes de relatar a terrível morte do tirano Polícrates de Samos, nas mãos do sátrapa Orestes, ele nos diz sobre aquele que, de todos os que aspiraram a conseguir a hegemonia no Egeu, 'na chamada época humana, o primeiro foi Polícrates, que alimentava grandes esperanças de dominar Jônia e as ilhas" (Burgos, 2010, p. 02)<sup>6</sup>. Tradução nossa.

Eventualmente, Heródoto também traça os caminhos para as histórias de Minos, o rei do mar e líder da antiga talassocracia minoica, este que é uma figura que pertence a esse mundo mítico. Fazendo parte deste mundo, ele é descrito como o filho de Zeus e da princesa Europa, e irmão de outros heróis míticos como Sarpédon e Radamanto.

Esses personagens, incluindo Minos, Sarpédon, Ramanto, Deucalião e Idomeneu aos quais são relatados por Heródoto, são mais apropriados para as narrativas épicas do que para história propriamente dita.

Filha de Agenor e Telefaassa. Apesar do relato de Heródoto dar conta desse rapto, há o mito de que Zeus viu Europa com suas companheiras na praia de Tiro e ficou apaixonado por sua beleza. Então, transformou-se em um touro branco resplandecente, que atraiu a atenção da jovem; em seguida, levou-a para a ilha de Creta e a possuiu na fonte da cidade de Gortina. Da relação

---

<sup>6</sup> *Poco antes de relatar la terrible muerte del tirano Polícrates de Samos, a manos del sátrapa Orestes, nos dice sobre aquél que, de todos quienes aspiraron a conseguir la hegemonía en el Egeo, “en la llamada época humana, el primero fue Polícrates, que abrigaba grandes esperanzas de llegar a imperar sobre Jonia y las islas”.* (Burgos, 2010, p.02) Tradução nossa.

amorosa com Zeus, Europa teve três filhos: Minos, Sarpédon e Radamanto (Silva, 2015, p. 31).

Nesse sentido, suas histórias muitas vezes estão imersas na mitologia e na poesia épica, ainda que relatando como as vê ou escuta, estas, não contém ao todo uma base evidencial que possa ser verificada ou analisada da mesma forma que os eventos históricos testemunhados por ele, como as guerras Greco-pérsicas.

### 1.1.2 Destinos e Divindades: Nêmesis

De acordo com Heródoto, a sorte extraordinária que Polícrates desfrutou não poderia perdurar indefinidamente. O fim trágico do tirano é retratado como uma manifestação da justiça divina e da ordem cósmica.

O termo utilizado por Heródoto é *nêmesis* (Νέμεσις), que nós traduzimos por "vingança". Nosso autor nos mostra que o deus puniu Creso por sua soberba. Entre os helenos, há uma deusa homônima, Nêmesis, que é a personificação dessa vingança divina e apresenta-se como deusa do pudor e da justiça distributiva, encarregada de castigar o orgulho ou o excesso de felicidade (Silva, 2016, p.143).

Segundo Burgos (2010, p.03), para Heródoto, o destino não permite que um mortal acumule felicidade e sucesso sem limites, pois isso contrariaria a ordem natural e o equilíbrio que os deuses mantêm sobre o cosmo. Uma perspectiva que reflete a crença de que as divindades atuam para restaurar a justiça e manter a ordem, intervindo diretamente nas vidas dos humanos para assegurar que não se desviem da harmonia universal.

Para Heródoto, a ideia de que o homem está sujeito a um destino que é caprichoso e inevitável é claramente expressivo. Para ele, observa Burgos (2010, p.03), "São os avatares do destino que se impõem aos homens e não os homens aos avatares do destino<sup>7</sup>.", o que eventualmente efetua a ideia de que os seres humanos não tem controle sobre os eventos que lhes acontecem, mas são, em grade medida, subordinados às forças do destino.

E seguindo o raciocínio de Bunkert (1997, p.30), Heródoto veria o homem com contingência; "O homem é pura contingência", porque "a divindade é, em todos os âmbitos, invejosa e causa de perturbação<sup>8</sup>," ou seja, essa noção de que "o homem é

---

<sup>7</sup> *son los avatares del destino los que se imponen a los hombres y no los hombres a los avatares del destino*

<sup>8</sup> *el hombre es pura contingencia", porque "la divinidad es, en todos los órdenes, envidiosa y causa de perturbación*

pura contingência” destaca a fragilidade e a incerteza da condição humana, que está constantemente sujeita a mudanças imprevisíveis e influências externas que escapam ao controle dos indivíduos.

Heródoto, de acordo com Burgos (2010, p.03), também aborda a ideia de que “a divindade é, em todas as ordens, invejosa e causa de perturbação”. Uma perspectiva que reflete a crença de que os deuses muitas vezes agem com inveja para criar desequilíbrios, como forma de garantir que os humanos não se elevem acima dos limites que lhe foram impostos.

Portanto, se vemos assim, a intervenção divina não apenas molda o destino dos indivíduos, mas também serve como um mecanismo para manter a ordem cósmica e evitar que os humanos desafiem a autoridade e a estrutura estabelecida pelos deuses. Isso significa dizer, que em verdade, Heródoto não nega a liberdade humana, mas apresenta-a como algo condicionado pela necessidade de respeitar as leis naturais e divinas. Para ele, o ser humano possui a responsabilidade de agir de maneira moderada, evitando os aborrecimentos divinos. Importante, porque de acordo com Heródoto, a ruína dos persas se daria a partir da *ὑβρις*<sup>9</sup> (*hybris*), que é uma transgressão à virtude da temperança, *σωφροσύνη*<sup>10</sup> (*sōphrosýnē*). Eventualmente, falhar em manter o equilíbrio, independente de qual âmbito seja, inevitavelmente atrairá a punição divina, Nêmesis, que restaura a ordem perturbada.

Na obra de Heródoto, a *hybris* se manifesta frequentemente na expansão do império. Com frequência, uma campanha contra um povo distante envolve alguma transgressão dos limites naturais, como quando Ciro atravessa o rio Araxes para conquistar os Massagetas nos confins da terra (I. 205 e seguintes), ou quando Dario constrói uma ponte sobre o Danúbio para trazer os citas para seu império (IV. 83 e seguintes), ou (no clímax da obra) quando Xerxes acopla o Helesponto, unindo a Europa e a Ásia — que Deus havia separado — em sua tentativa de conquistar os gregos (VII. 54 e seguintes).” (Marincola, 2003, p. 25)<sup>11</sup> Tradução nossa.

Na perspectiva de Heródoto, Xerxes, ao tentar conquistar territórios além dos limites naturais, desafiando a divisão tradicional do mundo entre Ásia e Europa, provou a sua própria ruína. A tentativa de violação de tais limites, resultou nas derrotas

---

<sup>9</sup> "excesso", "orgulho" ou "desmesura".

<sup>10</sup> "moderação", "prudência" ou "autocontrole".

<sup>11</sup> *In Herodotus hybris is frequently manifest in the expansion of empire. Often enough a campaign to a distant people involves some transgression of natural limits, as when Cyrus crosses the River Araxes to conquer the Massagetae at the ends of the earth (I. 205ff.), or Darius bridges the Danube to bring over the Scythians to his empire (IV. 83ff.), or (in the climax of the work) Xerxes yokes the Hellespont, joins Europe and Asia – which God had separated – in his attempt to conquer the Greeks (VII. 54ff.).* (Marincola, 2003, p.25)

persas, as quais Heródoto interpreta como sendo consequências da intervenção de uma divindade protetora da ordem e do equilíbrio, mostrando assim a importância de agir dentro dos limites impostos pela natureza e pelos deuses.

## **2- IDENTIDADE E LIBERDADE: A TRANSFORMAÇÃO DAS FONTES NAS GUERRAS GRECO-PÉRSICAS**

O confronto com o império persa não apenas gerou uma proliferação de relatos e narrativas que documentavam os eventos militares, mas também refletiu o impacto desses eventos na identidade e nos valores dos gregos. O temor de perder esses valores impulsionou os exércitos: “Assim, os embaixadores retornaram a Atenas com os termos de rendição que abriram mão da independência ateniense e, para todos os efeitos práticos, da identidade ateniense<sup>12</sup>” (Hale, 2010, p. 358).

Tais fontes, eventualmente escritas por Heródoto, mas não somente, de acordo com Rosalind (2002, p.71), começam a capturar a perspectiva subjetiva dos gregos e a importância simbólica das batalhas para a definição da sua identidade cultural e política. Em uma outra posição, não devemos esquecer do quão influente, torna-se para a compreensão da identidade grega, que também se transforma significativamente.

O orgulho dos gregos por sua condição de homens livres, ou *ἐλεύθεροι*<sup>13</sup> (*eleútheroi*), o que significa dizer, um homem livre e não escravo, aquele que pode exercer sua autonomia e sua cidadania, participando da vida pública e política, torna-se um outro componente na narrativa emergente das guerras greco-pérsicas.

Essa era a definição deles de certas ocupações como 'servis', adequadas apenas para um escravo e, portanto, degradando o caráter de seus praticantes à condição de escravo, tornando-os inadequados para o exercício da cidadania<sup>14</sup> (Cartledge, 1993, p. 147).

Para os gregos, especialmente os hoplitas e os marinheiros, estes que vão de cara ao enfrentamento do poderoso império Aquemênida, como observa Cartledge (1993, p.122), a defesa da liberdade não era apenas uma questão política, mas uma

---

<sup>12</sup> *So the envoys returned to Athens with terms of surrender that gave up Athenian independence and, for all practical purposes, Athenian identity*

<sup>13</sup> *A noção de "livre" (eleútheros) na Grécia Antiga refere-se à condição de quem não está sujeito à escravidão, gozando de autonomia política e participação na pólis.*

<sup>14</sup> *This was their definition of certain occupations as 'servile', as fitting only for a slave and therefore as degrading their practitioners' character to the condition of a slave, rendering them unfit for the exercise of citizenship. (Cartledge, 1993, p.147). Tradução nossa.*

questão de identidade, tanto pessoal, quanto coletiva, afinal, significava sua posição perante a si mesmo e perante todo o mundo.

Essa resistência contra o Grande Rei, como observa Cartledge (1993,p.150), foi mais do que uma série de batalhas, foi uma peleja pela preservação de uma forma de vida que valorizava a autonomia e a estima própria. Os homens gregos e combatentes, ao se opor ao vasto poder aquemênida, estavam defendendo uma filosofia de vida que se orgulhava de sua individualidade social e sua capacidade de determinar seu próprio fim.

Como regra geral, a preservação ciumenta da liberdade e soberania do próprio estado não era considerada incompatível, seja na teoria ou na prática, com privar outro estado grego de sua autonomia e independência" (Cartledge, 1993, p. 150).<sup>15</sup>

Tal identificação com a liberdade torna-se um elemento essencial da identidade grega e vai moldar como gerações posteriores, irão compreender e celebrar seu passado. A mentalidade que irá se desenvolver na Grécia antiga, em suas polis, como resultado do processo da guerra, vai refletir todo este conjunto de ideias consolidadas ao longo dos anos, desde a Grécia arcaica, até o que virá a ser a eventual e mencionada Grécia clássica.

Espalhados por Atenas, outros monumentos de pedra traziam epigramas louvando as batalhas de Maratona, Salamina e Plateia, epigramas que complementavam os elogios de Ésquilo aos atenienses vitoriosos na batalha de Salamina e aos complexos escultóricos e monumentais. Bastava olhar para cima, a partir da águia, para ver o cuidadoso alinhamento dos tambores das colunas e peças arquitetônicas dos templos acropolitanos destruídos pelos persas invasores. Essa parede norte, por si só, era um monumento ateniense à vitória e à liberdade que derrubou a tirania e a subjugação persa"<sup>16</sup> (Balcer, 1983, p. 259).

Balcer (1983, p.259), afirma que em meio à paisagem vibrante de Atenas, haviam vários monumentos de pedra que se destacavam, cada um carregando em suas inscrições epigramas que celebravam as gloriosas batalhas de Maratona, Salamina e Plateia. Tais epigramas não apenas reverenciavam as conquistas militares dos atenienses, mas também se alinhavam com os elogios poéticos de Ésquilo, que,

---

<sup>15</sup> *As a general rule jealous preservation of the freedom and sovereignty of one's own state was not found incompatible, in either theory or practice, with depriving another Greek state of its autonomy and independence. (Cartledge, 1993, p. 150). Tradução nossa.*

<sup>16</sup> *Scattered about Athens, other stone monuments bore epigrams lauding the battles of Marathon, Salamis, and Plataia, epigrams which complimented Aeschylus' encomia of the victorious Athenians at the battle of Salamis and that of the sculptural and monumental complexes. One need only to have looked up from the agora to the newly built north wall of the acropolis to see the careful alignment of column drums and architectural pieces of the acropolitian temples destroyed by the marauding Persians. That north wall itself was an Athenian monument to victory and freedom which overthrew Persian tyranny and subjugation (Balcer, 1983, p.259). Tradução nossa.*

em suas obras, exaltava a bravura e a determinação dos cidadãos atenienses na batalha de Salamina.

A ressonância entre as palavras de Ésquilo e as inscrições nos monumentos demonstrava uma unidade cultural e um forte senso de identidade entre os atenienses, que encontravam na memória de suas vitórias a inspiração para o presente e o futuro. A obra "Os Persas" de Ésquilo, conforme apontado por Kyriakou (2011), propõe uma análise mais profunda sobre a condição da cidadania ateniense, contrastando-a com a "barbárie" persa. Através da narrativa da batalha de Salamina, Ésquilo não apenas narra a vitória, mas também explora a ideia de xenofobia e a construção de uma identidade cultural em oposição ao "outro".

Portanto, a unidade cultural e a identidade dos atenienses, destacadas nos epigramas dos monumentos, encontram ressonância na obra de Ésquilo. Ambos os contextos refletem uma visão de mundo em que a memória das vitórias e a definição do "outro" são cruciais para a formação de uma identidade coletiva, reafirmando o papel das batalhas não apenas como eventos históricos, mas como pilares da cidadania.

## **2.1 Representações de Barbárie: A Perspectiva Ateniense na Tragédia de Ésquilo**

A tragédia "Os Persas" de Ésquilo nos apresenta a reflexão mais profunda sobre a condição da cidadania ateniense, essa, em contraponto com o "outro", representado pela barbarie dos persas durante a campanha de Xerxes. Ésquilo utiliza habilmente a narrativa da batalha de Salamina para ilustrar essa separação entre gregos e persas, explorando indiretamente a ideia de xenofobia e diretamente a ideia de identidade cultural, e segundo Kyriakou (2011, p.84), ao retratar os persas como bárbaros, Ésquilo não apenas os apresenta como inimigos externos, mas também os confronta com a civilização ateniense.

A originalidade ou extravagância das ações dos persas, que culminaram no conflito naval contra os atenienses, é destacada para ressaltar sua posição como "outros", estrangeiros e diferentes dos gregos. Essa representação de "outro" como bárbaro, ainda segundo Kyriakou (2011, p.84), é fundamental para reforçar a identidade coletiva e a autoimagem dos atenienses como civilizados e superiores e

Ésquilo atribui a derrota persa não apenas a força militar grega mas também ao descomedimento dos persas frente aos deuses, uma manifestação da *hybris*.<sup>17</sup>

Knox (2008,p.273) afirma que a obra não é impulsionada pelo ódio ou desprezo em relação aos invasores persas, e tampouco vai expor a desunião entre helenos durante a guerra, apesar de muitas cidades gregas terem aderido à causa persa, os persas na tragédia de Ésquilo, como Vernant (1988,p.43) vai afirmar, servem como os próprios sujeitos trágicos que proporcionam um cenário de transição e drama, então, esses personagens vão caracterizar a função de instigar a reflexão sobre os conflitos inerentes aos valores fundamentais do passado grego, ao mesmo tempo em que vão estar estreitamente relacionados aos ideias cívicos do presente da pólis, e é nessa perspectiva que os persas deixam de ser apenas figuras antagônicas, e tornam-se sim catalisadores ou estímulos para explorar questões mais profundas sobre identidade, valores e conflitos sociais na sociedade ateniense.

Portanto, a obra *Persas* de Ésquilo, vai dizer Kyriakou (2011, p.34), é protagonizado por personagens sob o prisma dos valores atenienses implícitos, o que sugere que a tragédia não apenas retrata os persas como "outros" distantes, mas os coloca em um contexto onde são avaliados e interpretados à luz dos valores e ideais atenienses. Estes são representados na obra de Ésquilo, de maneira que ganha destaque a complexidade das interações culturais e a maneira como os valores gregos influenciam a forma como os "outros" são percebidos e também interpretados. Ésquilo ao representar os persas como "bárbaros" e moralmente falidos, os compara aos atenienses, que são apresentados como detentores dos valores morais e cívicos ideais.

Se atentando a questão de que essa dualidade estabelecida por Ésquilo pode ser vista como uma simplificação excessiva da complexidade das relações entre gregos e persas na época, Lesky (1996, p.96) contribui para a compreensão de que a tragédia "*Persas*" oferece uma visão parcial dos persas como "bárbaros" e dos atenienses como detentores de valores superiores, sem explorar completamente as nuances e ambiguidades dessas identidades culturais. O contexto de produção da

---

<sup>17</sup> Qualidade negativa de arrogância ou orgulho excessivo, associada a ações ou comportamentos de humanos que desafiam ou ultrapassam os limites aceitáveis, muitas vezes resultando em punição divina e portanto tal conceito é relacionado a ideia de desrespeito aos deuses.

tragédia "Persas" de Ésquilo, especialmente com Péricles atuando como choregos<sup>18</sup>, evidencia uma conexão significativa entre a peça e os valores políticos e sociais da Atenas democrática.

Péricles, segundo Fernandes (2015,p.157), eventualmente se tornaria proeminente na defesa dos princípios democráticos, ele desempenhou um papel crucial no financiamento e na apresentação da obra "Persas", essa conexão insinua que o discurso de Ésquilo na tragédia estava alinhado com os interesses e valores da elite democrática ateniense da época, então a representação dos persas como bárbaros por meio de suas ações desmedidas na peça de Ésquilo pode ser vista, de acordo com Sottomayor (1974,p.43), como uma forma de reforçar os valores atenienses de moderação, ordem e respeito aos deuses, sob a perspectiva da cidadania ateniense.

Portanto a obra traça um ideal de vida dedicada aos princípios cívicos, destacando os perigos dos distúrbios políticos e sociais que podem resultar da *hybris*. Por esse caminho, o discurso de Ésquilo em Persas pode ser interpretado como uma ferramenta utilizada pelos grupos políticos defensores da ordem políade<sup>19</sup> especialmente sob a égide da democracia ateniense. A tragédia não apenas reflete, mas também reforça os interesses políticos e sociais da elite democrática ao retratar os persas como um exemplo negativo de comportamento desmedido e contrastá-los com os ideais cívicos atenienses.

A associação entre Ésquilo, Péricles e a produção de "Persas" destaca a interseção entre arte, política e sociedade na Atenas democrática, mostrando como as obras literárias eram utilizadas para promover e sustentar determinadas visões de mundo e valores cívicos dentro da comunidade ateniense.

Sottomayor (1974,p.43) apresenta uma análise da obra Persas enfocando a diferenciação entre os helenos e os outros povos, claro que em particular os persas, e isso focado no recorte das Guerras Greco-Pérsicas, ela vai destacar a liberdade condicionada pelas leis da pólis como sendo o principal elemento distintivo dos helenos e apresenta que Ésquilo usou a figura da rainha Atossa com seu sonho (vv.

---

<sup>18</sup> Indivíduo rico e influente que assumia o papel de patrocinador financeiro para a produção de peças teatrais, especialmente as tragédias e comédias que eram apresentadas nos festivais Dionisiacos

<sup>19</sup> Políade é um termo que se refere a um sistema político caracterizado pelo governo ou controle de uma cidade-estado (polis) por um corpo de cidadãos. A políade era uma forma de governo democrático em que os cidadãos participavam ativamente na tomada de decisões políticas, incluindo questões relacionadas à administração da cidade, justiça, política externa e outros assuntos de interesse comum

181-200) e um comentário do coro (v. 241), ao qual o coro responde que “*eles não são escravos nem súditos de ninguém*” (v. 242), para expressar o temor grego em relação à dominação estrangeira.

Sottomayor (1974,p.43) interpreta o sonho da rainha Atossa na peça como sendo uma representação do temor grego em relação a dominação estrangeira e esse sonho vai ser utilizado por Ésquilo para expressar a preocupação dos gregos com a possibilidade de serem dominados por uma potência estrangeira, o comentário do coro na peça, ao qual eles respondem à rainha sobre a liderança do exército ateniense onde eles vão afirmar que “*não são escravos nem súditos de ninguém*” (v. 242) é claramente um trecho que propõe reflexão da valorização da liberdade pelos gregos.

Ela também argumenta que por meio desses trechos da peça, podemos observar uma dualidade, um contraste entre os helenos e os bárbaros, isso com base na distinção entre liberdade e servilismo, afinal, a monarquia persa é representada como opressiva e centralizada politicamente, o que claramente a diferencia do ideal comum dos helenos: a liberdade. Portanto, Sottomayor (1974, p.45) destaca como Persas de Ésquilo aborda a diferenciação entre helenos e bárbaros, enfatizando a importância da liberdade condicionada pelas leis da pólis como um valor fundamental para os gregos.

Cartledge (1993, p.45), vai dizer que as Guerras Greco-Pérsicas foram essenciais no que tange um papel crucial da construção do “outro”, segundo ele, isso vai se dar através da criação de estereótipos depreciativos sobre os persas, especialmente após sua derrota no conflito.

Segundo Cartledge (1993,p.45), os escritores da época possivelmente incluindo historiadores e dramaturgos como Ésquilo, contribuíram para a criação e perpetuação desses estereótipos e essa perspectiva destaca como eventos históricos, como as Guerras Greco-Pérsicas, podem moldar a percepção de um grupo étnico ou cultural como “outro”, criando uma divisória entre o “nós” e “eles”, portanto os persas ao serem derrotados pelos gregos, foram retratados de maneira pejorativa pelos escritores gregos, contribuindo para a construção de uma imagem negativa e estereotipada dos persas na literatura e na cultura grega, justamente esses estereótipos que vão ser utilizados para reforçar a identidade e a autoimagem dos gregos, realçando sua superioridade em relação aos persas.

Cartledge (1993,p.45) afirma que ao criar um “outro” negativamente estereotipado, os gregos reforçaram sua própria identidade cultural e étnica, promovendo um sentimento de coesão e unidade dentro de sua comunidade helênica, entretanto a visão de Paul Cartledge (1993, p.45) sobre como os valores helênicos foram destacados nas obras escritas após as Guerras Greco-Pérsicas não se resumem a criar estereótipos de maneira simplória, ele vai argumentar que esses valores tinham um apelo de propaganda, que reverenciava a vitória dos gregos sobre os persas, que embora haja menções à importância de Atenas no conflito, a descrição dos bárbaros (persas), permitiu a criação de um significado mais amplo para a adesão das cidades gregas à Liga pan-helênica liderada por Atenas, em oposição à suposta ameaça persa.

No entanto, na época de *Os Persas* de Ésquilo, encenada no festival da Grande Dionísia ateniense em 472 a.C., o processo de 'alterização' e, de fato, a invenção do 'bárbaro' como um estereótipo homogenizado já estava bem avançado na Grécia, em uma versão inicial da forma específica de estereotipagem depreciativa agora conhecida como 'orientalismo'. O catalisador foi a derrota da invasão persa à Grécia em 480-479 a.C., após o fracasso da qual os atenienses fundamentaram seu império anti-persa. Em termos frios de fatos históricos, a derrota havia sido realizada por uma coalizão frágil e improvisada de apenas trinta a quarenta estados gregos — de mais de setecentos no mundo egeu; e a aliança ateniense não era tão helênica quanto a propaganda ateniense sustentava<sup>20</sup> (Cartledge, Paul. 1993, p. 39).

Nicole Loraux (1993, p.75) e Catherine Peschanski (1993, p.75) complementam a compreensão de Cartledge ao trabalharem com a perspectiva da formação da identidade coletiva dos atenienses. Elas se concentram na maneira como os atenienses construíram sua identidade coletiva por meio dessas representações na literatura e argumentam que tal construção ocorre em um contexto de formação da democracia em Atenas.

Lourax (1993, p.75) enfatiza como a pólis constrói e representa o “outro” de acordo com a imagem que constrói de si mesma, ela argumenta que a imagem dos bárbaros surge a representação dos seus valores cívicos que se combinam para formar uma identidade unificada e contraposta ao “outro”, a forma como a cidade-

---

<sup>20</sup> *However, by the time of Aeschylus' Persians, produced at the Athenian Great Dionysia festival of 472, the process of 'othering' and indeed inventing 'the barbarian' as a homogenized stereotype was well underway in Greece, in an early version of the specific form of derogatory stereotyping now known as 'orientalism'. The catalyst was the defeat of the Persian invasion of Greece in 480-479, upon the failure of which the Athenians grounded their anti-Persian empire. In cold historical fact the defeat had been effected by a shaky and improvised coalition of a mere thirty to forty Greek states--out of more than seven hundred in the Aegean world alone; and the Athenians' alliance was not as Hellenic as Athenian propaganda maintained.* (Cartledge, Paul. 1993, p. 39) Tradução nossa.

estado se vê e se define influencia a maneira como representa aqueles que são considerados diferentes, portanto como bem já foi mencionado valores cívicos essenciais são o princípio da identidade, logo aqueles que são considerados “bárbaros” são retratados com valores opostos.

Lourax (1993, p. 75-77) sugere que as tragédias, que eram celebradas nas Grandes Dionísias, eram consideradas representações ideais que enfatizavam a estabilidade e o equilíbrio social dentro da pólis e através dessas tragédias, as práticas culturais e políticas dos ditos “bárbaros” eram apresentadas como contraditórias aos valores da cidade-estado, o que ainda ajudava a proporcionar um meio mais seguro para garantir o ideal do exercício cívico ateniense em várias dimensões da pólis.

As observações de Lourax relacionados ao espaço da pólis em termos de homogeneidade nas decisões e representações destacam a presença da *διάφορα*<sup>21</sup> (*diaphora*) na dinâmica decisória das assembleias em Atenas, o que se verte em um processo de discordância política e complementa a divisão em opiniões, que se tornaram adversas e antagônicas entre grupos conflitantes na democracia ateniense, portanto a *διάφορα* nesse sentido, representa a discordância política que era uma parte essencial da democracia ateniense.

Nas assembleias em Atenas, diferentes grupos tinham diferentes opiniões, o que sempre gerava debates e conflitos políticos entre os *Ολίγοι*<sup>22</sup> (*Oligoi*) e os *Πολλοί*<sup>23</sup> (*Polloi*). Lourax (1993, p.77) propõe que apesar desse estado provável de antagonismo, é possível observar a construção da simetria ou homogeneidade entre os grupos políticos em conflito, sob a ótica da *Στάση*<sup>24</sup> (*Stasis*), ou seja, que se refere ao conflito e à instabilidade política.

Isso, segundo Lourax (1993, p.77), pode ser identificado na documentação textual do início do século V a.C. e ao explicar o conceito de *ὅμοιος*<sup>25</sup> (*homoi*), Nicole Lourax, afirma que se refere ao “outro” pensado em um contexto político, ao qual a

---

<sup>21</sup> A noção de "Διάφορα" (diáfora) na Grécia Antiga refere-se à ideia de diversidade ou diferença, destacando as variações entre indivíduos, grupos ou características, seja em termos sociais, culturais ou filosóficos.

<sup>22</sup> Ολίγοι (olígoi) na Grécia Antiga refere-se aos "poucos", geralmente associados à elite política e social, em contraste com os "πολλοί" (pollói), o povo comum.

<sup>23</sup> Πολλοί (pollói) na Grécia Antiga refere-se aos "muitos", geralmente associados ao povo comum, em contraste com os "ολίγοι" (olígoi), a elite política e social.

<sup>24</sup> Στάση (stásis) na Grécia Antiga refere-se a uma posição, atitude ou postura, frequentemente usada para descrever conflitos políticos ou sociais, como revoltas e divisões dentro da pólis.

<sup>25</sup> ὅμοιος (hómoios) na Grécia Antiga significa "semelhante" ou "igual", utilizado para expressar a ideia de semelhança entre coisas, pessoas ou conceitos.

principal ideia é que a partir do estado de adversidade e conflito entre os grupos políticos, surge a noção de *ἄλλοις*, como o “outro” no discurso político, assim realizando uma troca ou intercâmbio.

No entanto, “outro” não é necessariamente uma entidade externa à pólis, ele é uma construção que vai surgir da representação dos valores e dos interesses do grupo político antagonico ou adversário, isso demonstra como a política e a retórica desempenham um papel fundamental na criação e definição do “outro” dentro da democracia ateniense.

Agora, de acordo com Fernandes (2015, p.160), se tratando do contexto social dos autores atenienses do século V a.C. e a instauração do regime de *δημος*<sup>26</sup> (demos) pela reforma de Clístenes, a democracia em Atenas vai desempenhar um papel significativo no declínio do poder político das famílias aristocráticas. Finley (1985,p.29) descreve como as reformas democráticas em Atenas ampliaram significativamente a participação política dos cidadãos, incluindo aqueles de origens menos abastadas. A implementação de uma democracia mais ampla e participativa, resulta na redistribuição do poder político, concedendo aos cidadãos atenienses comuns uma voz mais forte nas decisões da cidade-Estado e isso reflete na diminuição da influência e autoridade dos aristocratas tradicionais, estes que foram forçados a ceder parte de seus privilégios e responsabilidades políticas.

### **2.1.1 Metáforas do Jugo e Reflexões sobre Identidade e Liberdade**

De acordo com Zanco (2019, p.217), Ésquilo recorre frequentemente a metáforas que utilizam a ação de atrelar animais por meio do jugo para expressar a ideia de dominação. Essa metáfora é significativa, pois representa a relação entre a democracia e a tirania, destacando a opressão associada à escravidão. Almeida (2017, p.172) explora essa metáfora, destacando que a relação entre o jugo e o controle que ele impõe é um exemplo figurado de como o jugo pode simbolizar, nos escritores gregos, uma opressão gerada por um controle autoritário, ou, inversamente, uma ideia de liberdade quando o contexto refere-se à quebra desse jugo.

Portanto, segundo Zanco (2019, p.217), o jugo serve como um símbolo multifacetado que encapsula as dinâmicas políticas e sociais entre Atenas e Pérsia na

---

<sup>26</sup> *δημος* (demos) na Grécia Antiga refere-se ao "povo" ou "massa", especialmente no contexto de cidadãos da pólis, que possuíam direitos políticos e sociais, contrastando com a elite ou aristocracia.

tragédia de Ésquilo. Correia (2015, p.01) vai dizer que o sonho da rainha, ao retratar duas mulheres que, devido à sua estatura e beleza, possuem uma aparência divina, pode ser interpretado de duas maneiras;

Em pleno sono pareceu-me distinguir duas mulheres de feições muito agradáveis; uma delas vestia-se à maneira persa e a outra usava trajes obviamente dórios; ambas eram mais altas que as mulheres de hoje, e diferiam destas tanto pelo porte como pela beleza sem qualquer defeito. Eram irmãs do mesmo sangue mas moravam em pátrias afastadas, uma lá na Grécia, que lhe coube por sorte, e a outra em terra bárbara (Persas, 212-221)

A primeira interpretação sugere que representam Ásia e Europa, filhas de Oceano, sendo a primeira mulher associada aos gregos da Ásia que aceitaram o jugo persa, enquanto a segunda representa os gregos da Europa que recusaram e se rebelaram contra ele. A segunda interpretação, mais crível segundo Correia, as apresenta respectivamente como representações do povo persa e do povo grego. Nessa abordagem a ideia de dominação está presente, pois Xerxes impões o jugo às duas mulheres. Segundo Correia, a primeira mulher pode também simbolizar a forma de governo persa, já que, do ponto de vista grego, os persas se submetiam de bom grado ao déspota e a atitude da outra mulher é contrastante, pois mesmo atrelada ao carro de Xerxes, ela opõe resistência à submissão, eventualmente arrancando as rédeas.

Essa mulher não-domesticável representa assim o povo grego e sua forma de governo, baseada na isonomia, na ideia de justiça e na participação de todos os cidadãos no poder, e para o qual a liberdade é um valor tão apreciado, quão temido é o poder concentrado nas mãos de um único homem (Correia, 2015, p.35)

Portanto, a personagem feminina não-domesticável emerge como um símbolo poderoso do *ἦθος*<sup>27</sup> (*ethos*) grego e de seu sistema político. Sua representação reflete a essência da isonomia, ou seja, a ausência de uma autoridade centralizada, e a ideia fundamental de justiça que permeava a sociedade grega. Além disso, segundo Correia (2015, p.35) sua figura ressalta a importância da participação ativa de todos os cidadãos na tomada de decisões políticas, destacando assim o princípio democrático que estava enraizado na vida pública da pólis.

A liberdade, um dos valores mais prezados pelos gregos, é enfatizado como uma característica essencial desse sistema político. No entanto, ao mesmo tempo, há uma consciência do perigo que reside no poder concentrado nas mãos de um único

---

<sup>27</sup> ἦθος (êthos) na Grécia Antiga refere-se ao caráter ou disposição moral de uma pessoa, frequentemente relacionado à ética e à construção da identidade individual e coletiva.

indivíduo. Essa dualidade reflete as complexidades e os desafios enfrentados pela democracia grega, que buscava equilibrar a liberdade individual com a necessidade de evitar a tirania e a opressão.

Conforme a obra se desenrola, torna-se notável a emersão da rainha Atossa. Esta, ocupando posição de destaque proeminente, como prossegue Harrison (2000, p.77), tal representação foi concebida com o propósito de transmitir uma imagem negativa, destacando uma influência feminina considerada desproporcional e prejudicial quando se tratando de assuntos políticos. Portanto, conforme discutido por Harrison, Atossa é retratada como uma figura egoísta, cujas preocupações parecem estar exclusivamente voltadas para o bem-estar de seu filho.

Essa caracterização revela uma visão superficial e arrogante, sugerindo não apenas uma crítica à monarquia persa em específico, mas também uma reflexão mais ampla sobre os perigos de uma governança fundamentada em interesses pessoais, em detrimento do bem comum. Quando Ésquilo retrata Atossa dessa maneira, a obra revela as questões sociais e políticas de grande relevância e muito mais amplas.

Schenker (1994, p.283), vai dizer que a análise das perspectivas pessoais na personagem “Atossa” revela uma tensão fundamental que permeia a tragédia. A perspectiva pessoal é então representada pela preocupação da rainha Atossa com o bem-estar de seu filho, Xerxes, o que vai refletir no seu papel materno e sua ligação emocional com ele. Por outro lado, a perspectiva que ele chama de nacional, ou seja, ao que refere a preocupação dos anciãos com todo o povo persa, passa a refletir assim uma responsabilidade coletiva e um interesse no bem-estar geral do império persa.

Ambas perspectivas coexistem ao longo da peça, criando uma tensão palpável que só é liberada no desenlace trágico, ou seja, no momento em que Xerxes, em meio ao coro, lamenta a derrota em terras helenas. Esse é um momento culminante que evidencia a complexidade das relações de poder e lealdade na corte persa, bem como a fragilidade do equilíbrio entre interesses pessoais e o interesse dos súditos.

Portanto, segundo Zanco (2019, p.218), ao final da tragédia, a relação que Xerxes estabelece com o coro é significativa. Ela vai demonstrar que todos os temores dos anciãos persas sobre um possível colapso em seu sistema de governo não se concretizou e portanto, o lamento conjunto de Xerxes e do coro, ressalta a

continuidade do poder do Grande Rei e a resiliência do modo de vida persa, apenas de todas as adversidades enfrentadas.

O que na minha perspectiva, essa cena final representa uma afirmação da estabilidade do governo e da identidade persa, mesmo diante de todas as vicissitudes da história. A distinção entre grego e bárbaro é um tema recorrente ao longo da tragédia, o que revela uma dicotomia social e política fundamental. Os persas, passam a ser retratados como subjugados perante um regime despótico, destituídos de sua liberdade, o que contrasta vivamente com a narrativa de democracia e de liberdade que permeia a cultura grega. Portanto a obra destaca a superioridade percebida da democracia grega em relação à monarquia persa, apresentando essa última como uma estrutura frágil, suscetível a desmoronar sob pressões externas. E o fato é que apesar da fragilidade política da monarquia persa, o modo de vida “bárbaro” é retratado como resiliente, insinuando uma força inerente ao povo persa, uma qualidade que pode ser considerada característica dos bárbaros. Tal resiliência é emblemática da capacidade de adaptação e sobrevivência da cultura persa, mesmo diante de desafios políticos. Portanto, a partir disso, a obra constrói uma relação de alteridade marcante entre gregos e persas, além da tirania, que é um tema recorrentemente explorado ao longo da obra. A peça, então, apresenta uma riqueza de elementos que incitam pensar a respeito do “outro” e suas representações, não somente suas diferenças políticas e culturais, indo para o profundo complexo do pensar identidade.

## **2.2 Hélade e Barbarismo: A Construção de uma Identidade Grega Durante o Conflito**

Até o advento das Guerras greco-pérsicas, o termo βάρβαρος "bárbaros"<sup>28</sup> servia primariamente para marcar a diferença linguística entre os gregos e os outros povos, o que como observado por Burgos (2010, p.06), possivelmente imitando o som incompreensível que as línguas estrangeiras representavam para os helenos, como um "bar-bar-bar".

No entanto, com o término das Guerras greco-pérsicas, a carga semântica dessa palavra se ampliou, passando a refletir não apenas as diferenças de língua,

---

<sup>28</sup> βάρβαρος (bárbaros) na Grécia Antiga refere-se a alguém que é estrangeiro ou não grego, frequentemente com conotação pejorativa, associada à ideia de "não civilizado" ou "inculto", em contraste com os cidadãos da pólis grega.

mas também de cultura, política e forma de vida entre os gregos e outras sociedades. Nesse novo contexto, o contraste entre o modo de vida grego, especialmente sua concepção política centrada na liberdade e na participação cívica, e o de outras nações tornou-se mais acentuado.

Como as forças persas eram os principais inimigos durante as Guerras greco-pérsicas, os persas passaram a ser vistos como os "bárbaros" por excelência, tal identificação reforçou a oposição entre a liberdade grega e a suposta servidão característica de outras culturas, especialmente a persa e sendo assim, o termo "bárbaro" adquiriu uma conotação profundamente negativa, associando-se diretamente à ideia de submissão e falta de liberdade.

Até as Guerras Médicas, a expressão bárbaro (bárbaros, possivelmente imitando o incompreensível bar-bar-bar dos idiomas estrangeiros) destacava apenas as diferenças de língua entre as comunidades gregas e o resto do mundo<sup>29</sup> (Burgos, 2010, p. 06).

A luta contra os Aquemênidas não apenas moldou o conceito de "bárbaro", como também possibilitou aos gregos uma concepção mais clara e coesa da ideia de Hélade — um conjunto de cidades-estado e culturas diversas, mas que se destacava do restante do mundo, onde a língua e os costumes gregos não eram praticados.

Antes desse confronto, as cidades gregas já tinham estabelecido algum grau de contato com outras culturas, sendo que a familiaridade com o "outro" variava de acordo com a localização e o papel desempenhado por cada pólis. Finley (1989, p.188), afirma ainda que os centros comerciais prósperos como Mileto, Corinto e Siracusa, por exemplo, mantinham intercâmbios frequentes com estrangeiros, o que contrastava com a experiência de comunidades mais isoladas ou rurais, como Ascra, a terra de Hesíodo, ou a austera e fechada Lacedemônia.

Essas trocas culturais anteriores, como a influência do pensamento oriental nas primeiras especulações filosóficas dos jônios, são evidências da antiguidade e profundidade dos contatos gregos com o Levante. No entanto, nenhum desses encontros se comparava ao impacto avassalador do confronto direto com o exército persa, descritos como miríades de soldados de aparência e vestimentas exóticas.

Esse embate com os persas, que culminou nas Guerras greco-pérsicas,

---

<sup>29</sup> *Hasta las Guerras Médicas, la expresión bárbaro (barbaros, posiblemente, imitando el bar-bar-bar incomprendible de los idiomas extraños) llamaba la atención solamente sobre las diferencias de lengua entre las comunidades griegas y el resto del mundo (Burgos, 2010, p. 06) Tradução nossa.*

intensificou a percepção de alteridade e solidificou a identidade grega em oposição ao "bárbaro", ao mesmo tempo, permitiu que os gregos se enxergassem como uma entidade cultural e política distinta, mesmo com todas as suas divisões internas, em contraste com um mundo exterior que não compartilhava suas línguas, valores ou modos de governar e sendo assim, a luta contra os Aquemênidas não apenas fortaleceu a coesão entre as pólis gregas, mas também consolidou a distinção entre o "nós" helênico e o "eles" bárbaro.

Demarato, o antigo rei de Esparta que havia sido destituído de seu trono e vivia como exilado na Pérsia, acompanhou o monarca persa Xerxes em sua grande expedição contra a Grécia. Estando ao lado de Xerxes, Demarato servia como conselheiro, ajudando o Grande Rei a compreender o espírito e a estratégia dos gregos, em particular dos espartanos.

Durante a marcha das forças persas, Xerxes, surpreendido e até perplexo, observava a determinação dos gregos em resistir, mesmo diante de uma desvantagem numérica e de recursos que parecia insuperável, o exército persa era vasto, com soldados oriundos de várias partes do império, e seu poderio parecia incontestável e ainda assim, os gregos, especialmente os espartanos, mostravam uma firmeza que desafiava a lógica de uma guerra convencional, causando estranheza em Xerxes. Foi nesse contexto que Demarato, conhecedor profundo da mentalidade e dos costumes de seus compatriotas, tentou explicar a Xerxes o que motivava os espartanos, particularmente os hoplitas de Esparta, a manterem uma resistência inabalável. Ele destacou que, para os espartanos, a luta não era meramente uma questão de números ou recursos, mas sim de honra, dever e disciplina. A educação espartana, conhecida como agogé, preparava os guerreiros desde a infância para a vida militar, incutindo-lhes um senso de dever absoluto para com a pólis e um compromisso inquestionável com a lei de Esparta, que exigia deles a defesa de sua terra natal a qualquer custo.

Demarato, rei espartano destronado, que vivia refugiado na Pérsia, acompanhou Xerxes em sua expedição à Grécia. Xerxes se mostra perplexo pela determinação dos gregos em resistir diante do que, à primeira vista, constituía uma desproporção esmagadora em homens e recursos<sup>30</sup> (Burgos, 2010, p.7)

---

<sup>30</sup> Demarato, rey espartano destronado, que vivía refugiado en Persia, acompañó a Jerjesen su expedición a Grecia. Jerjes se muestra perplejo por la determinación de los griegos deresistir ante lo que, a simple vista, constituía una abrumadora desproporción en hombres yrecursos (Burgos, 2010, p.7) Tradução nossa.

Finley (2002,p.120), ainda carrega a compreensão de que as pólis gregas, embora geograficamente limitadas e muitas vezes envolvidas em rivalidades, eram espaços onde o individualismo, a independência e o respeito à lei predominavam. Para os gregos, esses três elementos – a participação política, a independência da comunidade e a subordinação à lei – formavam a essência da liberdade, um conceito central na cultura helênica.

Mesmo que, em certas ocasiões, os gregos pudessem admirar ou até se sentir fascinados por alguns aspectos das culturas bárbaras – seja pela riqueza ou pelo exotismo de seus costumes – sempre preservaram a convicção de que a polis era o único ambiente onde o homem podia alcançar plenamente seu potencial como ser humano. Para os gregos, sucede Cartledge (2003, p.103), a liberdade individual e coletiva, assim como o desenvolvimento das capacidades humanas, estavam intimamente ligados ao sistema político da pólis, onde o cidadão podia exercer seu papel social e político de maneira ativa e consciente.

### **2.3 Origens e evolução da distinção entre helenos e bárbaros**

Se pensarmos a distinção entre "helenos" e "bárbaros" na cultura helênica, tal distinção, não surgiu após as Guerras Greco-pérsicas, mas já estava presentes antes mesmo do século V a.C. Como afirma Sowerby (2015, p.36), Heródoto compartilha com o público os frutos de suas pesquisas para garantir que as realizações significativas, tanto dos gregos quanto dos não-gregos, sejam lembradas e reconhecidas.

Heródoto oferece ao público o resultado de sua investigação para preservar a memória e a fama de feitos grandiosos e notáveis realizados tanto pelos gregos quanto pelos não-gregos (para os quais sua obra usa barbaroi, significando estrangeiros, mas não necessariamente incivilizados) (Robin Sowerby, 2015, p.36).

Essa distinção cultural e ideológica desempenhou um papel significativo na definição da identidade grega ao longo da história e foi evidenciada em várias obras literárias, desde Homero até Heródoto.

A oposição entre helenos (gregos) e bárbaros era uma característica essencial da visão de mundo dos antigos gregos. Cartledge (1993, p.39) vai identificar que a palavra "bárbaro" era inicialmente usada para se referir a qualquer pessoa que não falasse grego, ou seja, cuja língua soasse como "bárbara" para os ouvidos gregos,

e isso refletia a ideia de que a língua grega era sofisticada e civilizada, enquanto as outras línguas eram vistas como primitivas.

Nos épicos de Homero, como a "Ilíada" e a "Odisseia", a distinção entre gregos e bárbaros já estava presente. Os gregos eram representados como guerreiros nobres e civilizados, enquanto os bárbaros eram frequentemente retratados como inimigos estrangeiros e selvagens. (Canto II - Verso 867-869) "Nastes comandou de novo os Cários de bárbara fala, senhores de Mileto e da montanha de Ftires com alta folhagem, das correntes de Meandro e dos altos píncaros de Mícale".

Essa passagem da *Ilíada* reflete indiretamente a distinção entre gregos e estrangeiros, "bárbaros". Neste trecho, fica evidente que embora os Cários aqui mencionados sejam aliados dos gregos na guerra contra Troia, a referência à sua fala bárbara e à sua origem não grega levanta uma diferenciação étnica entre eles e os gregos étnicos.

Isso, eventualmente contribui para a representação de diferentes grupos étnicos que se uniram sob a liderança grega na guerra, o que pode ser interpretado como uma distinção entre os gregos, que são retratados como guerreiros nobres e civilizados, e os bárbaros, que são representados como povos estrangeiros e diferentes dos gregos.

Heródoto, também explorou essa distinção em suas *Histórias*, ele descreveu os costumes, tradições e histórias dos povos estrangeiros que encontrou em suas viagens, destacando suas diferenças em relação aos gregos. Heródoto, por sua vez, examinou a noção de bárbaro com uma lente mais ampla e comparativa, o que enriqueceu a compreensão dos gregos em outras culturas.

Até então, não houvera de uma parte e de outra mais do que raptos; mas, depois do acontecido, os Gregos, julgando-se ofendidos em sua honra, fizeram guerra à Ásia, antes que os asiáticos a declarassem à Europa. Ora, conquanto lícito não seja raptar mulheres, dizem os Persas, é loucura vingar-se de um rapto. Manda o bom senso não fazer caso disso, pois sem o seu próprio consentimento decerto não teriam as mulheres sido raptadas. Asseguram os Persas que, embora asiáticos, ainda não haviam tido conhecimento de casos semelhantes, naquela parte do mundo. Entretanto, os Gregos, por causa de uma mulher lacedemônia, equiparam uma frota numerosa, desembarcaram na Ásia e destruíram o reino de Príamo. Desde essa época, os Persas passaram a encarar os Gregos como inimigos, pois julgam que a Ásia lhes pertence tanto quanto as nações bárbaras que ocupam, enquanto consideram a Europa e a Grécia como formando um continente à parte (Heródoto. *Histórias*, I. IV. 32-33).

Neste trecho nota-se que os gregos são descritos como aqueles que "julgando-se ofendidos em sua honra, fizeram guerra à Ásia", mostrando uma resposta agressiva dos gregos que sentiram que foram desonrados. Os persas, que por sua vez, expressam a sua visão sobre a situação, afirmando que embora raptar mulheres não seja correto, vingar-se de um rapto é loucura. Isso indica uma perspectiva cultural diferente dos gregos, enfatizando a distinção nas normas culturais e éticas entre os dois povos.

Além de que, a reação dos gregos em equipar uma frota numerosa e desembarcar na Ásia para destruir o reino de Príamo ressalta a diferença de poder e capacidade militar entre gregos e "bárbaros", o que pode contribuir para a percepção de distinção entre eles.

A ideia de superioridade cultural e étnica dos gregos em relação aos estrangeiros, "bárbaros", era uma parte essencial da identidade grega e influenciou não apenas a literatura, mas também a política, a diplomacia e a interação com outras civilizações (Cartledge, 1993, p.150).

Com o desencadeamento e o advento das Guerras Greco-pérsicas, como mencionado anteriormente, se ampliaram e reforçaram toda essa divisão, à medida que os gregos se uniram contra o inimigo persa e fortaleceram seu senso de associação interna. Por consequência, a distinção entre helenos e bárbaros se tornou uma característica duradoura da cultura helênica o que vai moldar e transformar sua visão de mundo ao longo dos séculos.

De acordo com Davies (2008, p.16), o termo "bárbaro" foi cunhado durante o desenvolvimento da identidade grega, em um contexto onde a língua desempenhou um papel crucial na identificação dos gregos como um grupo distinto, e somente a partir do século V a.C., fontes literárias originárias de Atenas, como Heródoto e Ésquilo, vão conseguir expandir os parâmetros de diferenciação cultural da língua para abranger outras esferas da sociedade e política.

O aumento dos contatos dos gregos com povos não-helênicos durante esse período, como destacado por Dodds (2002, p.184), embora não aborde diretamente o surgimento do termo 'bárbaro', é fundamental para compreendermos sua evolução. Dodds explora extensivamente a interação dos gregos com outras culturas durante a antiguidade, o que pode ser considerado um catalisador para a concepção do termo "bárbaro". Dentro desse contexto, o termo inicialmente se refere àqueles que não

falavam a língua grega e, conseqüentemente, eram percebidos como estrangeiros ou não pertencentes à comunidade grega.

O conceito de "bárbaro" e sua relação com a língua reflete a complexa dinâmica de construção da identidade coletiva grega ao longo dos séculos, à medida que a sociedade grega se deparava com a necessidade de definir e redefinir sua própria identidade em contraposição a outros grupos e culturas.

Então com isso, segundo Fernandes (2015,p.152) a obra "Os Persas" de Ésquilo, que é uma tragédia ao qual trata do conflito entre gregos e persas dentro das Guerras greco-pérsicas, e que retrata especificamente a batalha de Salamina, tem seu diferencial, principalmente por dar voz aos persas derrotados, o que vai permitir aos espectadores atenienses uma visão da derrota e do sofrimento dos inimigos persas, tradicionalmente considerados "bárbaros", e portanto essa perspectiva única de representar os "bárbaros" como seres humanos de emoção e sofrimento, eventualmente rompe a visão tradicional de inimigos desumanizados.

Fernandes (2015, p.153) também vai continuar retratando sobre como o teatro e suas peças desempenhavam um papel fundamental na cultura e na política de Atenas e como a obra "Os Persas" é interessante por demonstrar de que maneira tais representações teatrais podiam influenciar a percepção e também a compreensão dos "outros".

Essa obra também reflete a complexidade da identidade grega e a forma como os gregos estavam começando repensar suas relações com aqueles que anteriormente eram categorizados como estrangeiros e inimigos, e ao analisar a obra mais a fundo, torna-se possível identificar algumas das motivações e interesses que levaram Ésquilo a criar essa peça.

Para Vernant (1988,p.286), Ésquilo está justificando, que as representações dos persas ligadas a tragédia estão conectadas à sua posição social e política em relação à cidade-estado ateniense e Ésquilo como dramaturgo e membro da sociedade ateniense produziu "Os Persas" com base em suas próprias perspectivas e interesses, o que significa dizer que a representação dos persas em sua obra não é neutra, mas sim, moldada pela sua posição como ateniense e pelo contexto político, social e cultural em que ele vivia.

### 2.3.1 A Perspectiva Aristocrática na Representação dos 'Bárbaros': Reflexos do Contexto Político de Atenas Pós-Guerras Greco-Pérsicas

Além das interpretações convencionais das representações do "bárbaro" na obra "Persas", é possível explorar uma perspectiva alternativa que considere elementos específicos da trama e do contexto social e político em que Ésquilo está posicionado, isso esclarece mais a sua compreensão e motivação ao representar os "bárbaros" na sua peça.

Ésquilo retratou o conselho de anciãos como detentor de um papel de prestígio na Pérsia, quando na verdade a Pérsia parte para a guerra, o coro de anciãos enfatiza sua autoridade, alegando que *"foi Xerxes, nosso rei e senhor, filho de Dario, quem em atenção à nossa dignidade de anciãos, nos escolheu para velar o país"* (V.5). Quando a rainha Atossa expressa seus receios sobre a expedição de Xerxes, ela se volta para os anciãos em busca de conselhos e legitima o poder desse grupo, ela vai declarar que só espera um conselho sincero dos anciãos, destacando assim sua importância na tomada de decisões políticas: *"Sendo, pois as coisas como são, aconselhai-me sobre estas materias, Persas, meus velhos e fiéis servidores: só de vós espero um conselho sincero"* (vv. 170–173). Portanto, Fernandes (2015,p.160) percebe que a composição de poder na Pérsia, enfatizada por Ésquilo, é consideravelmente aristocrática, onde na qual a rainha e os anciãos detêm o poder legítimo da monarquia persa, logo, Ésquilo posicionou o conselho de anciãos em um plano de destaque nas decisões da corte persa na obra, e a autoridade e o poder desse grupo, passa a ser representado como sendo lúcidos e autênticos na esfera política persa, o que contribui de fato para a dinâmica política da trama da peça.

A tradição estabelecida por Dario, o antecessor de Xerxes, é considerada legítima e valiosa na peça, o que fica evidente pela totalidade de momentos em que é enfatizada por meio das alusões a Dario, bem frequentes em vários trechos da obra (v. 164; vv. 551-555; vv. 640; v. 643; v. 650; v. 655; v. 660; v. 771; v. 855; v. 860). Dario é representado como o responsável pela grandeza do império persa através dessas alusões.

Ésquilo retrata o passado do império persa como um período áureo e muito abundante, o que é resultado da fidelidade de Dario as antigas tradições persas, portanto Dario traz consigo a representação da monarquia persa dentro da obra e este é associado à ideia de tradição, grandeza e fidelidade às práticas persas, contribuindo assim para a imagem do império persa como um período áureo e próspero. Fernandes

(2015, p.162) afirma que Ésquilo, ao representar a monarquia persa, enfatiza valores e práticas associados à tradição aristocrática. No entanto, isso não é feito para desvalorizar a monarquia persa, mas para destacar a legitimidade e conferir importância a esses valores. Para Fernandes, o discurso é fundamental na transmissão de valores e práticas.

O discurso é visto como a linguagem capaz de produzir sentidos de acordo com as necessidades do contexto histórico e social, torna-se a ferramenta por meio da qual os valores de um grupo de sujeitos manifesta-se, logo a maneira como o discurso é capaz de transmitir sentidos socioculturais que legitimam valores e práticas associados ao poder de um segmento social, implica que o discurso desempenha uma fundamentalidade na construção da representação cultural.

A maneira como Ésquilo, por meio do discurso em sua obra, enfatiza os valores aristocráticos na representação da monarquia persa não tem como objetivo desvalorizar essa monarquia. Ao contrário, como afirma Fernandes, o intuito é destacar a legitimidade desses valores em um contexto específico. A representação da monarquia persa na obra, que é antagônica à construção da democracia ateniense, não visa diferenciar ou desvalorizar, mas sim demonstrar, de maneira abrupta e eufórica, os valores aristocráticos sob o comando de Dario, em um passado já distante dos tempos da hybris de Xerxes.

Segundo Eni Orlandi (1999,p.25) no discurso encontra-se a linguagem capaz de produzir sentidos produzidos por sujeitos ou por um grupo de sujeitos num determinado contexto histórico. Seria por intermédio do discurso que os valores preconizados por um grupo de sujeitos podem se manifestar conforme a necessidade do meio social.

Sendo assim, Bourdieu (2009) enfatiza, que o discurso, e convergindo com Orlandi, transmite os sentidos capazes de legitimar valores e práticas associados ao poder de um segmento social que, por sua vez, evidencia a transmissão de sentidos socioculturais através das representações. Bourdieu (2009) apresenta a ideia de representação como sendo algo que é criado por um sujeito individual ou por um grupo social inteiro para explicar as práticas e relações que ocorrem em um determinado ambiente social e essa representação é de fato possível porque o sujeito entra em contato com o objeto ou o contexto em que se encontra o que lhe permite dar significado a sua realidade ao redor, logo Bourdieu enfatiza que as representações

serão moldadas pelas experiências e interações de um determinado sujeito com o mundo ao seu redor, e serão essenciais para que as pessoas compreendam e deem sentido às práticas e as relações sociais que encontram em seu meio.

Portanto a representação desempenha um papel fundamental na construção do significado e na interpretação da realidade social. E quando tratando da percepção de Ésquilo em relação à guerra e à ameaça persa, especialmente se considerarmos sua própria experiência como combatente nas batalhas de Maratona e Salamina, ainda que não tenha tido contato direto com a Pérsia, a tragédia reflete de maneira profunda a vivência do confronto, com a ameaça persa servindo de contexto central.

Ésquilo, devido à iminência da ameaça persa, viu-se compelido a valorizar os princípios da helenidade, destacando as virtudes e valores gregos em contraste com os povos considerados bárbaros. No entanto, tal exaltação da helenidade também resulta na representação dos "outros", de uma maneira negativa e através do seu discurso, Ésquilo reflete as escolhas de valores que visavam manter o poder de certos segmentos sociais, ao qual eventualmente ele promovia os aristocráticos, com os quais ele tinha mais afinidade.

Sua posição de fala pode ter sido influenciada por sua origem eleusiana e sua integração ao regime de demos em Atenas após a reforma de Clístenes, o que o colocou em proximidade com as instituições decisórias da cidade. Chester Starr (1990, p.16) fornece uma análise um tanto perspicaz do contexto social de Atenas durante a primeira metade do século V a.C., permitindo-nos estabelecer uma conexão significativa com o discurso apresentado na tragédia de Ésquilo.

Starr desenvolve a partir da ideia de que durante esse período inicial, ou durante as primeiras décadas do século V a.C., vão surgir dois grupos políticos distintos que vão desempenhar papéis proeminentes na formulação das instituições democráticas, de um lado ele confirma o grupo de origem aristocrática, conservador, representado na figura de Aristides e por outro lado um grupo mais favorável as mudanças democráticas, mais alinhado ao ideal cívico e coletivo da pólis, com a figura de Temístocles. Starr ressalta que à medida em que a assembleia ateniense ganha mais legitimidade e influência, ela estabelece o mecanismo do ostracismo e dentro deste contexto, ele destaca o evento de 482 a.C., ao qual Aristides foi ostracizado por influência direta de Temístocles e tal momento evidencia não apenas as tensões políticas e ideológicas existentes na Atenas antiga, mas também ilustra a dinâmica de

poder e rivalidade entre os diferentes segmentos da sociedade vigente em Atenas em tal período.

Eventualmente, Guarinello (1994, p.18), vai afirmar que a ascensão de Termístocles como sendo figura principal na política em Atenas coincidiu com o período em que a cidade se preparava para enfrentar a invasão persa liderada pelo rei Xerxes. Sua liderança foi fundamental para a organização das forças gregas que se opuseram aos persas e as vitórias helênicas nas batalhas de Salamina e Plateia foram marcos importantes, que não apenas asseguraram a sobrevivência de Atenas, mas também consolidaram a sua influência marítima.

Enquanto Aristides desempenha um papel crucial na criação e na organização da Liga de Delos em 478/7 a.C., assumindo a maior responsabilidade pela composição da aliança naval. Ainda que seus resultados iniciais sejam positivos, Chester Starr (1990, p.06) vai afirmar uma mudança de direção política em Atenas, essa agora, caracterizada por um "reflorescimento do conservadorismo", até a metade do quinto século.

Após a formação da Liga de Delos, Maria Fialho (2004, p.210), vai afirmar que surgem tensões entre Atenas e Esparta, já que ambas desempenharam um papel fundamental no cenário político da época da tragédia apresentada por Ésquilo e o fato é que a criação da Liga dividiu as duas principais cidades-estados gregas, cada uma defendendo diferentes visões sobre a liderança da aliança e seus interesses políticos. Enquanto Atenas estava emergindo como potência naval de dominância em sua região, buscando ainda, liderar a coalização e expandir sua influência, Esparta mantinha uma postura mais conservadora e tradicional, preferindo manter sua supremacia terrestre e resistindo à hegemonia ateniense.

Tais diferenças de abordagem e interesses políticos contribuíram para um clima de tensão entre ambas cidades-estados. Nesse contexto, o papel de Címon, este, filho de Milcíades e figura influente na política aristocrática de Atenas, ainda segundo Fialho, era de advogar pela aproximação entre Atenas e Esparta, reconhecendo a importância da unidade helênica contra a ameaça persa, no entanto as suas visões conciliatórias conferiam com a postura mais assertiva de Temístocles, que havia desempenhado um papel crucial na liderança da força naval ateniense.

Temístocles defendia a liderança de Atenas contra qualquer possível desentendimento com Esparta, refletindo as divergências significativas entre as duas

ciudades-estado sobre como lidar com as questões políticas e militares, apesar da ameaça persa iminente. A perspectiva que Maria Fialho aponta é enriquecida pelo historiador Norberto Luiz Guarinello (1994, p.36), que destaca o papel de Címon na liderança dos ataques que resultaram na expulsão definitiva dos persas do mar Egeu.

Guarinello, afirma que Címon liderou uma ofensiva vigorosa contra a armada fenícia, que estava interrompendo as atividades comerciais marítimas na região. Tal vitória foi tão significativa que consolidou a presença ateniense no mar Egeu, além de ter repercussões políticas em Atenas. Ele afirma ainda que o sucesso dos ataques liderados por Címon podem ter desempenhado um papel crucial no fortalecimento dos grupos aristocráticos em Atenas durante as décadas de 470 e 460 a.C. e tal ascendência aristocrática foi especialmente evidente no ostracismo de Temístocles, que era um dos principais líderes políticos e militares da época.

A ascensão de Címon e a subsequente influência dos aristocratas atenienses, afirma Guarinello (1994,p.22), não apenas moldaram o curso da política interna da cidade, mas também tiveram um impacto direto nas representações e valores invocados na peça "Persas" de Ésquilo, portanto ao examinarmos o discurso presente na obra de Ésquilo, podemos identificar uma clara reverberação dos valores aristocráticos, especialmente evidentes nas figuras do Conselho dos anciãos e na autoridade monárquica de Dario. Tais elementos são reflexos do contexto histórico de Atenas no período pós Guerras Greco-pérsicas.

### **2.3.2 A Influência da Riqueza na Participação Política e Cultural em Atenas**

Na sociedade ateniense, mesmo durante um período de institucionalização crescente da prática da isonomia<sup>31</sup>, Hansen (1991, p.69) vai dizer que a influência dos homens de alta posição econômica na organização dos festivais e das peças teatrais é uma indicação clara de que a riqueza material desempenhava um papel significativo nas relações políticas da pólis.

Guilherme Moerbeck (2007, p.36), em sua análise sobre a função do teatro na sociedade ateniense, vai destacar um aspecto muito importante relacionado à

---

<sup>31</sup> O princípio da igualdade política entre os cidadãos. A isonomia, como um ideal político fundamental em Atenas, buscava garantir que todos os cidadãos tivessem igualdade de direitos e oportunidades políticas, independentemente de sua origem ou status socioeconômico.

participação política e jurídica dos cidadãos, ele argumenta que o controle dos recursos econômicos desempenha um papel fundamental na distinção dos diferentes níveis de participação dos cidadãos nessas instituições. Segundo Moerbeck (2007, p.175), os cidadãos mais abastados tinham maior influência e acesso aos cargos políticos de destaque, como o arcontado.

Essa elite econômica detinha o poder devido à sua capacidade de investir em campanhas políticas, patrocinar eventos públicos, como o teatro, e influenciar as decisões políticas por meio de seu controle sobre os recursos financeiros. Ehrenberg (1962, p.19) examina o contexto das comédias de Aristófanes e eventualmente os festivais dionisíacos em Atenas, destacando como aqueles com maior riqueza e influência social muitas vezes detinham uma vantagem significativa no sistema político ateniense, e em festivais, como as Grandes Dionisíacas, a organização e financiamento das peças teatrais eram frequentemente liderados por homens de altos recursos financeiros. Estes, podiam arcar com os custos de produção das peças, garantindo assim uma posição proeminente no cenário cultural e político da cidade, portanto esses indivíduos não apenas exerciam influência sobre o conteúdo das obras teatrais, mas também sobre o público e a atmosfera geral do festival.

A primazia desses homens de alta posição econômica na organização dos festivais e peças teatrais refletia a importância da riqueza material como um elemento determinante nas relações políticas da pólis. A influência econômica não apenas conferia poder político e social, mas também moldava a dinâmica cultural e institucional da sociedade ateniense, mesmo em um contexto onde os ideais de isonomia estavam sendo promovidos e valorizados.

Dentro deste contexto, Knox (1983, p.44) sustenta que a tragédia grega antiga vai emergir, sem se limitar às representações factuais dos eventos, como uma forma de arte profundamente enraizada na tradição mítica e na expressão estética, onde o poeta trágico não está estritamente comprometido com a representação factual dos acontecimentos, mas sim com a expressão artística que evoca ressonâncias emocionais e intelectuais no público.

Maria Regina Candido (2005, p.95), afirma que é através da manipulação da narrativa mitológica e da construção dramática que os poetas trágicos criavam obras que transcendiam o mero registro histórico para explorar moralidade e o destino. Ao utilizar personagens lendários e situações extremas os poetas trágicos não apenas

entretinham o público, mas também provocavam reflexões profundas sobre temas fundamentais da existência humana.

A tragédia, portanto, emerge como um espaço onde a verdade dos fatos históricos cede lugar à verdade poética, onde a estética da poesia e a tradição mítica se entrecruzam para transmitir mensagens complexas e misturadas. Dentro desse contexto, a análise do discurso torna-se essencial para decodificar a mensagem subjacente na tragédia. Os diálogos entre os personagens, as metáforas utilizadas, a estrutura dramática e outros elementos estilísticos são cuidadosamente construídos pelo poeta trágico para transmitir significados mais profundos e nuances de interpretação. Portanto, a compreensão plena da tragédia requer uma análise crítica e contextualizada que leve em consideração não apenas os eventos narrados, mas também as escolhas artísticas e estilísticas do poeta.

Nietzsche ([1872]2007) analisa a tragédia grega antiga e argumenta que sua compreensão plena requer uma apreciação não apenas dos eventos narrados, mas também das escolhas artísticas e estilísticas dos poetas trágicos. Ele discute como os poetas trágicos, como Ésquilo e Sófocles, não apenas retratavam eventos históricos, mas também exploravam temas universais e questões filosóficas por meio de sua arte.

No contexto da xenofobia no mundo antigo, a tragédia pode ser vista como um espaço onde as representações do "outro" - estrangeiros, bárbaros, não-gregos - são exploradas e contestadas. Embora os poetas trágicos possam não estar estritamente comprometidos com a verdade factual, as representações desses "outros" na tragédia revelam atitudes e percepções profundamente enraizadas na sociedade grega.

### **3- TEATRO, TRAGÉDIA E ALTERIDADE: REFLEXÕES SOBRE XENOFOBIA NA PÓLIS DE ATENAS DURANTE AS GUERRAS GRECO-PÉRSICAS**

As guerras Greco-pérsicas constituíram um fenômeno decisivo e elementar na história da Hélade<sup>32</sup>, estas guerras que ocorreram no século V a.C. representaram um período crucial e fundamental na história da Grécia Antiga. Esses conflitos bélicos que envolveram as cidades-estados gregas e o império persa geraram enormes consequências na vida helênica.

---

<sup>32</sup> Ελλάς / Ellas ou Hélade é um termo utilizado para se referir a região geográfica da Grécia no período clássico

Se tratando de um primeiro impacto, posso mencionar o quão significativo este conflito foi na construção de uma diferenciação social, afinal, durante este período a necessidade de defesa comum contra uma ameaça externa levou à formação de alianças entre as cidades-estados gregas, como a Liga de Delos.

Segundo Helio Jaguaribe;

A confederação de Delos, tal como urdida por Aristides, se baseava numa aliança das cidades-estado da Iônia com Atenas, para o fim de ultimar a expulsão dos persas e proteger a Grécia de possíveis futuras agressões. Cada membro contribuiu com um número de navas ou com correspondente soma em dinheiro (phoros), calculada a contribuição em função do tributo precedentemente cobrado pela Pérsia. Com o correr do tempo, entretanto, a Liga de Delos se foi convertendo num império ateniense, de que os aliados eram compelidos a participar e para a qual eram forçados a pagar a contribuição que fora fixada por Aristides, convertendo-se esta, praticamente, num tributo (Tucídides, 1987, p. 28).

Esta, que era liderada por Atenas, contribuiu para centralizar um poder em algumas cidades-estados, o que eventualmente, segundo Fernandes (2015, p.151), resultou em mudanças na estrutura social e política, e com o ocasional fortalecimento de cidades como Atenas, surge então uma elite dominante, o que acaba levando à perda de influências políticas e econômicas de outras cidades.

Agora, em um contexto cultural, as Guerras Greco-pérsicas vão desempenhar um papel também crucial na formação de uma identidade grega, já que esse confronto vai trazer à tona as distinções culturais entre gregos e persas, o que levam os gregos a começarem se perceber como defensores da democracia, da liberdade individual e da cultura grega. Em sua perspectiva, Cartledge (1993, p.62) argumenta que Heródoto sugere que as Guerras Greco-Pérsicas começaram devido à lei autoritária da monarquia persa.

Heródoto sugere que foi o nomos despótico da monarquia persa que inevitavelmente estimulou a agressão imperialista de Xerxes e, nesse sentido, causou as Guerras Médicas. Mas, de forma igualmente inevitável, esse nomos e Xerxes encontraram seu equivalente no nomos livremente escolhido que "governava" os gregos<sup>33</sup>. (Cartledge, 1993, p. 62).

Isso sugere que Heródoto, assim como muitos gregos, via os persas sob uma luz negativa, contrastando sua tirania com a liberdade grega. Essa dicotomia cultural perdurou e influenciou muitos aspectos da produção literária e artística grega

---

<sup>33</sup> *it was the Persian monarchy's despotic nomos, Herodotus implies, that inevitably stimulated Xerxes' imperialist aggression and in that sense caused the Persian Wars. But, no less unavoidably, it and he met their match in the freely chosen nomos which 'ruled' the Greeks. (Cartledge 1993, p. 62)*

subsequente. Tratando-se de uma perspectiva política, as Guerras Greco-Pérsicas levaram a uma reconfiguração das alianças e rivalidades entre as cidades-estados gregas. Após a vitória sobre os persas, Atenas emergiu como uma potência dominante no mundo grego, o que desencadeou tensões com outras cidades, especialmente Esparta. Essa rivalidade desempenhou um papel fundamental no conflito da Guerra do Peloponeso, que teve um impacto devastador.

Helio Jaguaribe (1987) afirma ainda que, “o período que se segue, de 460 a 446-5, será marcado por iniciativas atenienses que alteraram, significativamente, o equilíbrio de forças entre a Liga de Delos (império ateniense) e a Liga do Peloponeso, sob a liderança de Esparta, conduzindo a hostilidades entre aliado dos dois bandos que culminaram com a direta confrontação de Esparta com Atenas” (Tucídides, 1987, p. 29).

Além de que, como afirma Briant (2002, p.197), as guerras Greco-pérsicas também vão ter implicações étnicas, uma vez que a identidade grega se consolidou em oposição ao "outro" persa. Essa diferenciação étnica contribuiu para a construção da narrativa de uma Grécia unida contra uma ameaça estrangeira, um tema que frequentemente é explorado na literatura e na retórica grega.

### **3.1 As Grandes Dionísias em Atenas: Um Espaço de Celebração, Política e Identidade na Antiga Pólis**

No período da primavera, em Atenas, os cidadãos se envolviam em um dos eventos mais interessantes e proeminentes de seu calendário: as Grandes Dionísias. Essa celebração não apenas unia os esforços e a energia da comunidade ateniense, mas também atraía a participação de muitos outros helenos das cidades que compunham a Liga de Delos,<sup>34</sup> indicando assim o pagamento de tributos a Atenas.

---

<sup>34</sup> A vitória helênica sobre os persas nas batalhas de Salamina (480 a.C.) e Plateia (479 a.C.), motivou a criação de uma Liga ou Confederação de cidades helênicas, entre 478 e 477 a.C., sob a liderança de Atenas, e que pretendia continuar lutando e defendendo o território helênico contra as mínimas ocupações persas que ainda se faziam presentes. Inicialmente, a Liga se definia como uma aliança militar que previa a autonomia para as cidades participantes, reservando a Atenas o comando das operações. O poder de decisão da Liga foi conferido a um conselho deliberativo entre as cidades membros, no qual Atenas tinha um papel preponderante, mas não exclusivo. A contribuição das cidades aliadas para o esforço de guerra contra os persas se davam de duas maneiras: as cidades maiores participavam com navios de guerra e combatentes, enquanto as cidades de menor porte, que não enviavam embarcações, contribuíam com o pagamento de um tributo para o tesouro da Liga, que ficava localizado no templo de Apolo, na ilha de Delos, e administrado por dez magistrados atenienses. Os recursos militares da Liga foram utilizados na Batalha de Eurimendonte, em 468 a.C., quando o general ateniense Címon expulsou os persas do mar Egeu combatendo os navios fenícios que ainda restavam do poderio naval persa desde a expedição de Xerxes. Até 462 a.C., a Liga exerceu uma atividade

Segundo Daisi Malhadas, as Grandes Dionísias eram uma ocasião em que o espaço urbano se transformava em um centro de atividades pulsantes e agitadas, enquanto os cidadãos se reuniam para honrar Dionísio, o deus do teatro, da vinha e do êxtase.

As representações teatrais em Atenas, na época clássica, estavam inseridas em festas dionisíacas, como um dos cultos que compunham essas celebrações em honra de Dioniso. Superiores em brilho e organização às celebrações dionisíacas de todo o mundo helênico, celebravam-se, em Atenas, por ano, cinco festas de culto a Dioniso: as Lenéias (em janeiro-fevereiro), as Antesterias (em fevereiro-março), as Dionisíacas urbanas (em março-abril), as Oscoforias (na segunda quinzena de outubro) e as Dionisíacas rurais (em Dezembro-janeiro). Dessas festas as mais importantes eram as Antesterias, as Lenéias e as Dionisíacas urbanas, sendo que apenas nas duas últimas havia, entre suas cerimônias, representações teatrais sob forma de concurso (Malhadas, Daisi. 1983, p.67).

Essa reunião anual de cidadãos atenienses e membros da Liga de Delos não era apenas uma expressão de devoção religiosa, mas também um reflexo da estrutura política e econômica da época. Low (2008, p.76), analisa como a Liga de Delos foi uma ferramenta crucial para o exercício do domínio ateniense sobre seus aliados e como essas reuniões refletiam tanto a supremacia de Atenas quanto as relações políticas e econômicas entre os membros da liga. O fato é que a presença dos membros da Liga de Delos, que pagavam tributos a Atenas, destacava a influência política e econômica da cidade como líder da Liga. Além disso, as Grandes Dionísias eram uma oportunidade para os atenienses exibirem sua riqueza e poder, consolidando sua posição dominante na Liga e no mundo helênico.

Os objetivos de culto trazidos para o espaço urbano durante as Grandes Dionísias tinham um significado simbólico profundo. De acordo com Malhadas (1983, p.69), eles representavam não apenas a devoção dos cidadãos atenienses a Dionísio e outras divindades, mas também a religiosidade compartilhada que unia a comunidade em torno de valores e tradições comuns. Esses valores cívicos eram reforçados e celebrados durante a trajetória festiva, que serviam como uma oportunidade para os cidadãos reafirmarem sua identidade coletiva e sua posição dentro da pólis.

---

essencialmente marítima, apoiada na hegemônica frota ateniense desde a vitória em Salamina. GUARINELLO, Norberto Luiz. Imperialismo Greco-Romano. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994. pp. 14-16.

Entretanto, mesmo em meio a essa atmosfera de celebração e união, as Grandes Dionísias também podem ter servido como um palco para expressões de xenofobia e exclusão. A presença de membros estrangeiros da Liga de Delos, embora fosse um sinal de submissão política a Atenas, poderia ser vista por alguns cidadãos como uma intrusão em seu espaço cultural e religioso, e tais tensões sociais e políticas podem ter se manifestado de várias maneiras durante as festividades, destacando as contradições da vida na Atenas antiga em relação à xenofobia e à identidade cultural.

### **3.2 A Análise dos Fragmentos e Contribuições de Sófocles e Eurípedes**

Existe um fato importante que não deve ser esquecido, menciono em questão a importância dos demais tragediógrafos, isso, para além da tríade. Entretanto, vou canalizar este trecho em questão, a atenção apenas à Sófocles e Eurípedes. É comum notarmos que comumente é dito que Sófocles era ateniense de origem, embora Jacques Jouanna, de acordo com Moura (2019, p37), tenha traduzido escritos medievais com opiniões adversas e informações que poderiam comprometer a veracidade de tal afirmação. Segundo Moura (2019,p.79), no texto "Vida de Sófocles", temos relatado a origem de Sófocles, com uma crítica sucinta e cuidadosa, questionando essa origem ateniense, porém, ainda assim, rejeitando o que Istro vai afirmar; Segundo ele, Sófocles teria nascido em Fliuinte, o que significaria dizer que este não é ateniense de nascimento, mas ainda assim é da ática. Eventualmente, como se procede: "[...] A ausência de outras fontes confiáveis que confirmem a alegação de Istro leva o autor da "Vida" a concluir que essa informação pode não ser precisa ou substanciada, indicando um trabalho crítico rigoroso na seleção e avaliação das fontes" (Jouanna *apud* Moura, 2019, p. 82).

Por ventura, Sófocles, visto como ateniense de origem, não deve ser notado sem este detalhe que de fato é significativo, porque sublinha a sua identidade cultural e política como cidadão ateniense, em um período em que Atenas era o centro cultural e intelectual de toda Grécia antiga.

De acordo com Moura (2019, p.82), a descrição de Sófocles como "ilustre tanto por sua vida quanto por sua poesia" (*καὶ τῷ βίῳ καὶ τῇ ποιήσει*), vai demonstrar o reconhecimento de suas diversas qualidades pessoais e de sua relevância na contribuição artística. As conquistas de juventude do dramaturgo em dois domínios importantes na educação dos jovens gregos: a música e a luta, será descrita por Moura (2019, p.83), observa que tais áreas eram centrais na formação dos jovens na

Grécia antiga, o que refletia sua ênfase e qualidade nas habilidades físicas e artísticas. Uma questão notável, de acordo com Jouanna (2007, p.17), diz respeito ao notável acontecimento, pós vitória grega nas batalhas de Salamina, onde Sófocles liderou (ἐξῆρχε) o peã da vitória.

Uma informação que também não deve ser desconsiderada, afinal, esse papel é de importância ao líder, quando se tratando de um contexto dionisíaco, esta era uma posição de alto destaque, refletindo diretamente no papel de importância de Sófocles na cerimônia. Quando se é analisado as inovações e contribuições artísticas de Sófocles, uma questão que sempre é comumente aparente, é a história de uma suposta fraqueza vocal (*μικροφωνία*<sup>35</sup>), e também, como isso poderia ter influenciado o tragediógrafo, parar de atuar em suas próprias tragédias.

Tal infusão de acordo com Moura (2019), é também localizada na tradição biográfica de Píndaro. Ela afirma que Píndaro, um escoliasta da Ode Olímpica, teria utilizado um certo Enéas como líder do coro, isso devido à sua própria fraqueza vocal, pois o mesmo não conseguia recitar os coros por ele mesmo, como era comum aos poetas (Moura, 2019, p. 84).

Também a Sófocles é atribuído inúmeras inovações teatrais, antes de Sófocles, a tragédia grega tradicionalmente contava com doze coreutas, uma configuração padrão, como afirma Sousa (2022, p.52), isso porque é o suficiente para produzir um fundo coral e rítmico às performances. Sófocles é creditado pelo aumento de coreutas para quinze, o que elevou o impacto visual e auditivo das apresentações.

Eudoro de Sousa (2022, p.52), nos fornece as traduções e informações tão caras a outro argumento, quando ele diz respeito a Aristóteles, que em sua poética, nos fornece um contexto importante para entender a inovação do terceiro ator, afinal, ele descreve as contribuições de Ésquilo e de Sófocles da seguinte maneira: “Ésquilo foi o primeiro que elevou de um a dois o número dos atores, diminuiu a importância do coro e fez do diálogo o protagonista.

Sófocles introduziu três atores e a cenografia” (Sousa, 2022, p.52). Eventualmente, temos aqui destaque das grandes mudanças: a transição de um único

---

<sup>35</sup> *μικροφωνία*: significa microfonia no sentido moderno, mas em um contexto clássico e histórico (grego antigo), a palavra descreve uma fraqueza ou deficiência vocal, como dificuldade em projetar a voz com força ou clareza. Isso é relevante no teatro grego, onde a voz dos atores era essencial para atingir grandes audiências.

ator para dois, iniciada por Ésquilo, e a inovação do terceiro ator, iniciada por Sófocles em conjunto com o aumento da cenografia.

Agora, referir a Eurípedes é um tanto custoso, afinal, tais informações são limitadas até mesmo aos acadêmicos profissionais. Moura (2019, p.101), indica que na obra *Vida*, traduzida por Jouanna (2007), a dados sem fontes que indicam que o tragediógrafo era filho de um caixeiro e de uma verdureira, o que o faz membro da classe dos comerciantes. Taplin e Kitto (2024), confirmam a informação; “O nome de sua mãe era Cleito; o nome de seu pai era Mnesarco ou Mnesarquides. Uma tradição afirma que sua mãe era uma verdureira que vendia ervas no mercado<sup>36</sup>. (Taplin; Kitto, 2024).

Obviamente as incertezas permanecem, entretanto, sua vida foi bastante explorada nas comédias a época. A ideia de sua mãe ser uma vendedora de ervas, tem fundamento nas comédias de Aristófanes e, contudo, a veracidade é questionável. Há também indícios, ainda que indiretos, que vão sugerir que Eurípedes, na verdade provinha de uma família abastada, o que contrasta com a caricatura que foi disseminada por Aristófanes.

Segundo Moura (2019), tais indícios incluem referências ao nível educacionais de Eurípedes e ao seu círculo social. Taplin (2024), vai incluir que Eurípedes, conquistou pela primeira vez a honra de ser escolhido para competir no festival dramático em Atenas no ano de 455 aC., no festival Dionisiaco daquele ano, embora, sua estreia não tenha lhe rendido vitória imediata, ele persistiu, continuou a produzir suas peças e em 441 aC., conquistou sua primeira vitória: “[...] Eurípides recebeu pela primeira vez a honra de ser escolhido para competir no festival dramático em 455, e conquistou sua primeira vitória em 441<sup>37</sup>” (Taplin, 2024, p. 1).

Ao longo de sua vida, segundo Kitto (2024), Eurípedes compôs inúmeras obras que desafiavam as convenções da tragédia grega, caracterizadas por uma profundidade psicológica e questionamentos sobre a natureza humana e os deuses e ainda assim, em Atenas, suas obras não foram plenamente apreciadas em vida.

Moura (2019), afirma ainda, que durante sua juventude, Eurípedes se dedicou

---

<sup>36</sup> *His mother's name was Cleito; his father's name was Mnesarchus or Mnesarchides. One tradition states that his mother was a greengrocer who sold herbs in the marketplace*. (Taplin; Kitto, 2024) Tradução nossa.

<sup>37</sup> “[...]Euripides first received the honour of being chosen to compete in the dramatic festival in 455, and he won his first victory in 441”. (Taplin, 2024, p. 1) Tradução nossa.

às atividades típicas de um jovem ateniense de sua época, como treinamento físico no ginásio, estudo da retórica e da filosofia e participação em festividades religiosas.

Moura (2019), desenvolva a complexidade da ideia de que Eurípedes, ao buscar orientação divina recebeu um oráculo que sugeria que sua verdadeira vocação estava ligada ao mundo das artes, é mencionado que ainda incerto, percebeu que o destino apontado por tal mensagem, referia-se às artes da poesia.

A ideia do desdobramento de destino para Eurípedes, o leva a uma grande importância cultural, afinal, oráculos, são frequentemente relatados em vidas de filósofos, heróis e poetas. Miletto (2007, p.217), incita a ideia de Aristóteles, onde este, evidencia que Eurípedes, ao menos até o século IV a.C., era de fato reconhecido como um pensador de tal intelectualidade, que transpassava o domínio puramente literário, sendo também, reconhecido como um fisiólogo (*φυσιολόγος*) independente. O que eventualmente demonstra o respeito pelo pensamento de Eurípedes no contexto filosófico, até então, pensando a natureza e a existência.

O que não deixa de reforçar a afirmação de Aristóteles, sobre a poesia, afirmações que ele inclui na *Poética*, onde ele segundo ele, a poesia, diferente da história, é “mais filosófica”, por lidar com verdades universais, enquanto a história se limita aos fatos particulares. E em tal sentido, a obra de Eurípedes pode ser vista como uma manifestação dessa filosofia através da poesia, onde ele pode se ver livre para explorar as questões mais profundas da condição humana e da natureza do cosmos, reafirmando a posição de Eurípedes, não somente como poeta trágico, mas como um intelectual cujas ideias ecoavam nos debates filosóficos.

Suas inovações, de acordo com Moura (2019), são obscuras, afinal, mesmo se pensarmos a ideia de que Eurípedes foi responsável pelo prólogo, tal afirmação não se sustenta na *Poética* de Aristóteles, onde o prólogo é listado como sendo um dos elementos essenciais. Entretanto, na *Retórica*, Aristóteles observa que “também os poetas trágicos nos fazem conhecer o eixo de seus dramas. Se não o fazem no início como Eurípides, fazem-no ao menos em alguma parte do prólogo, como Sófocles” (Aristóteles, 2017, Livro III, Seção 14, linhas 38-39). Com tal afirmação, Aristóteles parece destoar os prólogos de Eurípedes com os de Sófocles, destacando uma diferença, na maneira em que cada poeta lida com a sua exposição temática em suas tragédias. O que significa dizer, que embora Eurípedes não tenha necessariamente inventado o prólogo, ele pode ter contribuído para modifica-lo ou

pelo menos aprimorá-lo, com uma função mais direta e mais explícita na introdução da temática da peça.

Quando pensamos nos tragediógrafos e suas contribuições a todos os campos, o fato que nos vem à mente e que não deve ser ignorado, diz respeito a quantidade de obras que se perderam com o tempo, essas peças perdidas tendem a ser relegadas a notas de rodapé, parênteses ou apêndices, como se fossem de mera importância periférica. Tal abordagem dá uma impressão distorcida e incompleta da tragédia, como se aquelas poucas peças que por acaso sobreviveram fossem totalmente representativas de todo o gênero. Esta é uma inquietação ao qual Wright (2016, p.09), sublinha a problemática de como a história e a cultura são frequentemente interpretadas de maneira limitada devido à perda de elementos significativos.

As tragédias que sobreviveram, acabam por ser vistas como representativas, quando, na realidade, constituem apenas uma fração da produção original. Quando trago isso para minha análise, não posso deixar de notas que no contexto da xenofobia no mundo antigo, tal citação alerta para os perigos de se basear exclusivamente nas evidências que chegaram até nós, ignorando as lacunas que inevitavelmente distorcem a nossa compreensão do fenômeno em sua complexidade.

Wright (2016, p.13), amplia seu pensamento, ao afirmar que o tratamento das “peças perdidas” como meros adendos de importância marginal, pode resultar em uma narrativa histórico incompleta e enviesada, que não reflete com precisão a diversidade de experiências e atitudes que existiam no passado. Como aplicado por Anderson (2019), a canonização de certos textos, pode, de fato, ser o resultado de processos históricos e culturais que não refletem necessariamente a riqueza e a diversidade do material original.

Ao reconhecer a importância das obras perdidas, somos incentivados a reavaliar nossas concepções sobre o que foi considerado digno de preservação e por quê, desafiando a noção de que as obras que chegaram até nós são as únicas que merecem ser estudadas, pesquisadas e valorizadas. Wright (2018), no entanto, exemplifica o quão lamentável é o fato de apenas uma parte limitado do corpus de Ésquilo tenha sobrevivido até os dias atuais, afinal, continua Wright, todas pertencem à parte final de sua carreira, com exceção de *Prometeu Acorrentado*, que é vista como espúria para muitos acadêmicos.

Anderson (2019), realiza uma análise a partir das obras de Stefan Radt em seu *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, o que para ele, a análise dos fragmentos de Ésquilo, acaba por revelar que as peças perdidas de Ésquilo, estão, de fato, mais perdidas do que as de Sófocles ou Eurípedes. Isso, segundo Anderson (2019), se justifica porque a quantidade de fragmentos sobreviventes das peças de Ésquilo é consideravelmente menor.

Os fragmentos restantes são geralmente muito menores e menos informativos em comparação com aqueles das obras de Sófocles e Eurípedes. Anderson (2019), afirma ainda, que uma das possíveis explicações para essa ausência relativa de fragmentos é que as peças de Ésquilo continham menos linhas, o que eventualmente, as tornariam fáceis de serem extraídas e preservadas como máximas ou gnômai<sup>38</sup>(γνώμαι), isso porque os antologistas, que preservavam passagens memoráveis dos textos, encontravam um rico manancial de tais máximas nas obras de Eurípedes, mas é provável que Ésquilo tenha usado menos desse tipo de material em suas peças.

Outra possibilidade de acordo com Anderson (2019), diz respeito a quantidade de fragmentos lexicográficos das obras de Ésquilo, o que pode implicar que o vocabulário de Ésquilo incluía muitas palavras raras e arcaicas, eventualmente, o uso de um léxico mais complexo e menos comum pode ter contribuído para a maior preservação desses fragmentos, já que tais termos foram frequentemente registrados por estudiosos interessados na linguagem.

### **3.2.1 Ésquilo e o Contexto Político e Social de Atenas**

Sendo um dos principais dramaturgos do mundo antigo, Lesky (1990, p.94), retrata sobre as suas origens. Ésquilo nasceu em Eleusis, uma cidade próxima a Atenas, por volta de 525/4 a.C. Filho de Euroforion, um aristocrata, viveu em um período tumultuado da história grega, com apenas dezoito anos de idade, testemunhou eventos significativos que moldaram o curso político de Atenas, como nessa época a tirania, um regime de governo autocrático e também opressivo, teve

---

<sup>38</sup> Máximas, ou gnômai (em grego: γνώμαι), são expressões curtas e memoráveis que transmitem uma verdade universal ou um princípio moral. Na literatura grega antiga, essas máximas frequentemente assumem a forma de provérbios, ditados ou sentenças filosóficas que oferecem sabedoria ou conselho. Elas são usadas para refletir sobre a natureza humana, a ética e a moralidade, e frequentemente aparecem em obras de tragédia e comédia, bem como em textos filosóficos.

seu fim na cidade-estado, e eventualmente ocorreu a reforma liderada por Clístenes, Ésquilo presenciou intensa agitação política e social ao qual questões de poder, controle e de identidade eram pertinentes, estas que representaram mudanças profundas na estrutura do governo ateniense e eventualmente influenciando diretamente a vida e as experiências do dramaturgo.

Dando ênfase ao contexto social de Ésquilo, podemos compreender como as informações relatadas em sua obra foram produzidas a partir de um discurso influenciado pelas dinâmicas políticas, sociais e também culturais de sua época, retornando a Atenas. As significativas transformações e conflitos contra o império persa pode informar algumas motivações que o levaram a representar os persas como bárbaros, a hostilidade em relação aos persas, considerados “outros” era até então uma característica comum no mundo antigo, entretanto a obra de Ésquilo nos permite encontrar rastros sobre estas complexas relações de poder e de identidade que permeavam a sociedade grega, além de questionar as motivações por trás das representações de “bárbaros” como os persas, logo, essa obra nos permite uma análise mais profunda para estudar xenofobia em um contexto de mundo antigo.

Ésquilo de fato deve ser considerado um sujeito inserido no campo social e também institucional das disputadas políticas da Atenas de seu tempo, Fernandes (2015,p.120) exemplifica, afirmando que Ésquilo, como dramaturgo, estava imerso em um ambiente cultural e político intenso, onde as questões de identidade, poder e conflito eram frequentemente exploradas e também contestadas, e na Atenas do século V a.C., o teatro desempenhava um papel crucial como um espaço para representação e também debates públicos, portanto as tragédias de Ésquilo, como outras formas de arte na época, não apenas entreteriam o público, mas também serviriam como veículos para expressar e influenciar opiniões sobre temas importantes, incluindo a visão dos gregos sobre os "bárbaros".

Ésquilo, como um cidadão ateniense e participante ativo da cena cultural e política de sua época, estaria inevitavelmente envolvido em uma luta de representações entre grupos políticos opostos e esses grupos transmitiam valores e práticas que moldavam as percepções sobre os "bárbaros" e sua relação com os gregos, portanto, Fernandes (2015,p.121), complementa que o teatro, com suas apresentações públicas e de ampla audiência, seria o espaço ideal para Ésquilo

expressar suas próprias visões e influenciar as concepções do público sobre essas questões.

### **3.3 Salamina: O Combate pela Liberdade**

Em “Os Persas”, de Ésquilo, a canção entoada pela frota grega em Salamina, enquanto se prepara para enfrentar o inimigo persa, é um poderoso apelo à liberdade, convocando os guerreiros a lutarem não apenas por si mesmos, mas pela defesa daquilo que é mais sagrado: a pátria, as famílias, os templos dos deuses e os túmulos ancestrais.

"É tempo de atacar, filhos da Hélade! Salvai a nossa pátria! Salvai vossas crianças e vossas mulheres, os santuários dos deuses de vossos pais e as sacras sepulturas de vossos avós! Chegou a hora do combate decisivo!"  
(Ésquilo, 2008, p. 40)

A batalha que eventualmente se aproxima não é uma simples disputa territorial; trata-se de uma luta existencial pela preservação de toda a herança cultural e espiritual dos gregos. Através dessa chamada à união e ao sacrifício, Ésquilo retrata um momento singular na história do mundo grego, no qual diversas póleis, frequentemente divididas por rivalidades e interesses próprios, deixam de lado suas diferenças para formar uma coalização em defesa da ἐλευθερία (eleuthería). É justamente por este valor, que Kagan (2011, p.142) irá observar a maneira em que os gregos, ameaçados pela invasão persa vinda das profundezas da Ásia, se unirão como nunca antes, criando a resistência organizada e determinada a guerra.

A batalha de Salamina, assim, simboliza mais do que uma vitória militar; é uma defesa da identidade e dos princípios fundamentais que sustentam a civilização grega. Heródoto narra, portanto, a defesa grega contra a invasão persa, o fato sustentando por Burgos (2010, p.02), é que logo após o fim da guerra, esse evento se transforma em mito, sendo embelezado e ampliado pelas gerações posteriores.

A memória da guerra, irá se moldar de acordo com as necessidades políticas e culturais, a ponto de seus relatos começarem a se equipararem a épicos como a Ilíada e a Odisseia, como observa Marincola (2003, p.06), todo esse processo de mitificação levou à criação de uma narrativa grandiosa e unificada, Heródoto tenta trazer para as guerras greco-pérsicas a perspectiva da guerra de troia, e isso por muitas vezes obscurece as nuances e complexidades do evento histórico real.

Um exemplo, está presente no fato de que esquecemos que a resistência grega não envolveu de fato todo o mundo helênico, uma polis com grande poder a época era Siracusa, ao qual está, permaneceu à margem do conflito. Gelon, o tirano de Siracusa, quando foi solicitado a enviar ajuda, impôs condições que sabia serem inaceitáveis para os principais líderes da coalização grega – Atenas e Esparta. Ele exigiu o comando supremo das forças aliadas como condição para o envio de auxílio à Sicília, o que acabou por excluir Siracusa da grande luta contra os persas.

Solicitada sua ajuda, Gelon de Siracusa condicionou o socorro da Sicília à sua nomeação como comandante supremo, sabendo que isso seria inadmissível para atenienses e lacedemônios. Diga-se em defesa do siracusano que ele enfrentava seus próprios problemas: aliado à poderosa Acragas, ele precisava defender a eleuthería dos gregos italianos e sicilianos contra a agressão cartaginesa, da mesma forma que Atenas e Esparta precisavam liderar a resistência da Hélade balcânica diante do perigo persa. Inclusive, uma tradição sustenta que as batalhas de Salamina e de Himera, na Sicília, ocorreram no mesmo dia<sup>39</sup> (Burgos, 2010, p. 04).

Siracusa não foi a única cidade-Estado grega que se afastou do esforço de guerra contra os persas. Argos, por exemplo, manteve-se fora do conflito, mais preocupada com sua rivalidade histórica com Esparta no Peloponeso. Essa antiga inimizade pesou mais em sua decisão que o perigo representado pela invasão persa, o que resultou na neutralidade de uma potência que poderia ter feito a diferença no campo de batalha. Da mesma forma, Creta e Cócira seguiram caminhos semelhantes, evitando se envolver diretamente no conflito por motivos próprios, que incluíam considerações geopolíticas e internas. Além de que muitos gregos optaram por lutar ao lado dos persas. Os tessálios e os tebanos são os exemplos mais conhecidos, mas não foram os únicos.

Heródoto menciona diversas outras cidades e regiões que, por diferentes razões, escolheram alinhar-se com o Grande rei aquemênida. Entre os gregos do lado persa, destacam-se os jônios da Ásia, que por questões de proximidade geográfica e política locais, ofereceram um número significativo de combatentes à causa persa.

---

<sup>39</sup> Requerida su ayuda, Gelón de Siracusa condiciona el socorro de Sicilia a su nombramiento como comandante supremo, sabedor de que aquello resultaría inadmisibile para atenienses y lacedemonios.16 Dígase en descargo del siracusano que afrontaba sus propios problemas: aliado de la potente Acragas, debía defender la eleuthería de los griegos italianos y sicilianos, frente a la agresión cartaginesa, tanto como Atenas y Esparta debían liderar la resistencia de la Hélade balcánica ante el peligro persa. Incluso, una tradición sostiene que las batallas de Salamina y de Himera, en Sicilia, ocurrieron el mismo día.(Burgos, 2010, p. 04) Tradução nossa.

Aquelas cidades que decidiram resistir ao avanço persa, no entanto, se uniram em um congresso pan-helênico no istmo de Corinto, demonstrando a importância de uma frente unificada para a defesa da Grécia. Durante tal encontro, os participantes firmaram um juramento, comprometendo-se a punir os gregos, que, voluntariamente se aliaram aos persas. O pacto determinava que, uma vez restabelecida a segurança e a soberia da Hélade, as cidades traidoras deveriam oferecer a Apolo, em Delfos, uma décima parte de seus bens como penitência por sua rendição. Este juramento simbolizava tanto a união dos que resistiram quanto a condenação daqueles que, por escolha própria, optaram por colaborar com o invasor.

Aquelas determinadas a resistir se reuniram em um Congresso pan-helênico no istmo de Corinto, ocasião em que juraram contra os filopersas nos seguintes termos: “todos os povos gregos que, sem serem forçados a isso, se renderam ao persa, deveriam oferecer ao deus de Delfos, quando a situação tivesse se restabelecido favoravelmente para os interesses da Hélade, a décima parte de seus bens”<sup>40</sup>. (Burgos, 2010, p.4)

Os tessalios, como situa Heródoto, ainda de acordo com Burgos (2010), aliaram-se aos persas com evidente relutância. Inicialmente, enviaram emissários ao congresso reunido no Istmo de Corinto, em busca de uma solução que pudesse evitar o confronto direto com os persas. Após isso, solicitaram auxílio para defender o desfiladeiro do Olimpo, localizado no vale de Tempe, reconhecendo a importância estratégica desse ponto para impedir o avanço do inimigo. Reforços foram enviados, mas as forças gregas receberam ordens de recuar para o sul ao tomarem conhecimento de um caminho alternativo que permitiria aos persas contornar as defesas.

Com a decisão do comando grego de concentrar sua resistência nas Termópilas e no Cabo Artemísio, as forças tessalios foram retiradas da defesa de sua região. Como resultado, as cidades-estados da Tessália acabaram obrigadas a se submeter às exigências de Xerxes, entregando terra e água aos seus emissários como símbolo de rendição e submissão ao poder persa.” Uma vez que o comando coaligado decidiu resistir nas Termópilas e no cabo Artemísio, retirando suas forças da Tessália, as pólis tessalios se viram obrigadas a entregar a terra e a água aos

---

<sup>40</sup> Aquellas determinadas a resistir se reunieron en un Congreso panhelénico en el istmo de Corinto, oportunidad en la que se juramentaron contra los filopersas en los siguientes términos: “todos los pueblos griegos que, sin verse forzados a ello, se habían rendido al Persa, deberían ofrecer al dios de Delfos, cuando la situación se hubiese restablecido favorablemente para los intereses de la Hélade, la décima parte de sus bienes”. (Burgos, 2010, p.4)

heraldos de Xerxes<sup>41</sup> (Burgos, 2010, p. 06).

Tucídides relata as declarações de Tebas, argumentando que a cidade foi forçada ao medismo (apoio aos persas) por uma facção filopérsica que não representava a vontade geral da pólis. Heródoto, por outro lado, é bastante crítico em relação aos tebanos, afirmando que o contingente militar de Tebas que acompanhou os espartanos nas Termópilas o fez contra sua vontade, coagido pelo rei espartano Leônidas.

Segundo o historiador, os tebanos lutaram "praticamente à força" e, assim que avistaram uma oportunidade, abandonaram suas armas e tentaram conquistar o favor do inimigo vitorioso, demonstrando lealdade e amizade aos persas. Um fato que Tucídides também contorna, ao dizer:

A cidade como um todo não tinha o controle de suas próprias ações quando Tebas tomou aquela decisão, e portanto não é justo censurá-la por erros cometidos quando não estava sob o domínio da lei. De qualquer forma, quando os persas partiram e Tebas instituiu o seu governo legal, e quando posteriormente os atenienses se tornaram agressivos e estavam tentando pôr não somente as outras regiões da Hélade, mas também o nosso território sob seu domínio e, mais ainda, de-vido a disputas internas entre nós, já estavam de posse da maior parte dele, nós os combatemos e derrotamos em Queroneia"; assim libertamos a Beócia, da mesma forma que agora estamos ajudando denodadamente a libertar outros povos, contribuindo com mais cavalaria e equipamento que quais-quer outros aliados. Esta é a nossa defesa contra a acusação de havermos aderido aos persas (Tucídides, 1987, p. 188)

Cerca de quatro séculos depois, como aponta Silva (2010, p.35), Plutarco, um defensor fervoroso de seus compatriotas beócios, contestou a visão de Heródoto em sua obra *Sobre a Malícia de Heródoto*. Ela vai dizer que Plutarco acusa o historiador de "uma peculiar má vontade e ódio" contra os tebanos e embora Plutarco reconheça que Tebas lutou ao lado dos persas após a derrota nas Termópilas, ele argumenta que essa escolha foi motivada pela necessidade, uma vez que a cidade enfrentava o risco de aniquilação caso se opusesse sozinha à força esmagadora dos persas, uma situação semelhante à enfrentada pelos tessalios no início da campanha.

---

<sup>41</sup> Una vez que el mando coaligado decidió resistir en las Termópilas y en el cabo Artemisio, retirando sus fuerzas de Tesalia, las poleis tesalias se vieron en la obligación de hacer entrega de la tierra y el agua a los heraldos de Jerjes (Burgos, 2010, p. 06)

### 3.3.1 Narrativas de Glória: A Exagerada Força Persa na História

Um notável aspecto observado por Balcer (1989, p.127), diz respeito a maneira em que tanto na representação trágica dos fracassos persas na obra de Ésquilo quanto no relato histórico de Heródoto, a evidente tendência a exagerar a magnitude das forças persas. Esse exagero tem o efeito de realçar a vitória dos gregos, que, apesar de serem descritos como um número reduzido, são apresentados como heróis que enfrentaram uma potência militar colossal.

Na tragédia de Ésquilo, por exemplo, Balcer (1989), sugere que a representação das forças persas é exagerada para acentuar o contraste entre os invasores e os defensores gregos, promovendo uma imagem de heroica resistência contra um inimigo aparentemente invencível. Da mesma forma, Heródoto, em seus escritos, amplifica o tamanho das forças persas para destacar a impressionante vitória dos gregos. Um enfoque retórico que serve para engrandecer a realização grega, apresentando-a como uma conquista extraordinária contra uma força esmagadora.

Essa discrepância entre a representação dramática e a realidade histórica sublinha uma tendência comum na historiografia antiga de usar exageros para enfatizar as virtudes e realizações dos protagonistas gregos. O retrato de uma vitória grega contra uma força persa gigantesca servia para criar um relato mais inspirador e glorioso, elevando a importância da vitória e o heroísmo dos defensores gregos. Essa construção narrativa, embora poderosa e influente, não reflete necessariamente a realidade precisa das forças envolvidas, mas sim um esforço para magnificar o feito dos gregos diante de um adversário supostamente formidável.

Todos os cálculos relativos às demandas persas por grãos locais e água potável enquanto estavam na Grécia nos levam à conclusão de que as forças persas não eram vastamente superiores em número, como afirmavam os autores antigos, mas eram aproximadamente iguais às dos gregos<sup>42</sup>(Balcer, 1989, apud Young, 1980, p. 213-39).

Os problemas de escassez de suprimentos tornaram-se evidentes para os persas quando as suas tropas avançaram para a Tessália, localizada ao sul do Monte Olimpo, e começaram sua longa marcha em direção à passagem estratégica de Termópilas. A região da Tessália, rica em recursos naturais, deveria ter sido uma etapa

---

<sup>42</sup> All calculations as to the Persian demands for local grain and fresh water while in Greece leads us to the conclusion that the Persian forces were not vastly superior in number, as the ancient authors claimed, but about equal to those of the Greeks. (Balcer, 1989, apud Young, 1980, p.213-39). Tradução nossa.

crítica no abastecimento das tropas persas, o problema adveio da difícil logística e a necessidade de avançar rapidamente para manter o controle estratégico.

Eventualmente, após a batalha de Termópilas, que demonstrou a tenacidade dos defensores gregos e a dificuldade das forças persas em superar as defesas naturais e humanas da passagem, a situação de escassez de alimentos tornou-se ainda mais crítica. A necessidade de reabastecer e de continuar a ofensiva forçou os persas a agir de forma precipitada e sem o tempo adequado para consolidar as suas vitórias e ajustar suas estratégias.

Se os persas tivessem conseguido adiar seus movimentos militares por um período adicional de duas a quatro semanas, poderiam ter explorado mais efetivamente as fraquezas e as divisões entre os estados gregos. Durante esse tempo, as pequenas defesas gregas, embora corajosas e bem posicionadas, poderiam ter começado a se desgastar. A possibilidade de que as cidades-estado gregas, frequentemente discordantes e com interesses divergentes, começassem a se retirar do confronto e a convocar suas forças para a defesa de seus próprios territórios poderia ter facilitado todo o trâmite persa e eventualmente desenhado uma vitória aquemênida.

Em Salamina e em Plateia, se os persas pudessem ter esperado talvez de duas a quatro semanas antes de se envolver com as forças gregas, as pequenas defesas gregas unidas teriam desmoronado, à medida que estados gregos parochiais e muitas vezes antagônicos teriam se retirado dos combates e convocado suas forças<sup>43</sup> (Balcer, 1989, p. 128)

O principal fato, refere-se a ideia de que a falta de suprimentos não somente comprometeu a capacidade dos persas de sustentar uma longa campanha, como também impactou no curso das batalhas que se seguiram, os resultados foram advindos de uma má logística militar, o que é um componente crucial em qualquer conflito. Se tratando das guerras greco-pérsicas, o abastecimento é o fato primordial da derrota Aquemênida e não a hybris, como mencionado por Heródoto, a superioridade numérica, ainda que não tão avassaladora, enfrentaram desafios quanto a permanecer batalhando, eventualmente uma diminuição moral dos guerreiros adveio e as estratégias gregas foram muito proveitosas, os gregos

---

<sup>43</sup> *At Salamis and at Plataia, if the Persians could have waited perhaps two to four weeks before engaging the Greek forces, the small United Greek defenses would have crumbled, as parochial and often antagonistic Greek states would have withdrawn from the engagements and called their forces* (Balcer, 1989, p.128) Tradução nossa.

conseguiram resistir com táticas, antes da desmobilização ou enfraquecimento.

### **3.3.2 Corpo, Virtude e Cidadania: A Percepção Grega da Identidade Pública**

A resistência pela sobrevivência da pólis e da *eleutheria*, na perspectiva grega, diz respeito ao fato de que somente dentro das pólis é que o homem poderia, então, ser verdadeiramente livre, pois era ali que ele tinha a oportunidade de participar do governo, debater questões públicas e tomar as decisões para seu destino e o destino da comunidade.

O Estado ou sociedade política, é até mesmo o primeiro objeto a que se propôs a natureza. O todo existe necessariamente antes da parte. As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integradas da Cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre com os membros da Cidade: nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade (Aristóteles, 2006, p. 05)

Além das diferenças espirituais e institucionais entre gregos e persas, o contraste entre essas culturas manifestou-se também em aspectos mais superficiais, como a aparência física e os costumes relacionados ao corpo. Dover (1974) afirma que a nudez, por exemplo, era motivo de orgulho para os gregos, que a associavam à perfeição física, à preparação militar e à disciplina corporal.

Para os cidadãos das pólis, cuidar do corpo era uma extensão do cuidado com a mente, refletindo o equilíbrio ideal entre força física e capacidade intelectual. Cartledge (2003, p.140) considera a ideia de que o treinamento físico era especialmente importante para os homens, pois ser cidadão significava, inevitavelmente, ser também um soldado, sempre preparado para defender sua comunidade.

Esse orgulho pela forma física contrastava fortemente com a maneira como os persas eram retratados na arte grega, especialmente após as Guerras Greco-Pérsicas. Boardman (1974) sugere que, na iconografia grega, o soldado persa era representado usando roupas elaboradas e complicadas, muitas vezes em posições de derrota ou recuo, enquanto o hoplita grego, nu e em posição de ataque, simbolizava a superioridade grega tanto no campo de batalha quanto no ideal estético. Esses ícones, particularmente comuns na cerâmica, reforçavam a visão de que o grego, com sua nudez desinibida e corpo disciplinado, era superior ao "bárbaro", cuja vestimenta

exagerada simbolizava a fraqueza, o excesso e a falta de preparação militar.

O soldado grego, muitas vezes representado na cerâmica como um herói de proporções quase divinas, era um ideal de perfeição física. Sua nudez simbolizava não apenas sua coragem e prontidão para o combate, mas também sua honestidade e transparência, valores fundamentais na cultura grega. Em contraste, os persas, com suas vestes complicadas e adornadas, eram vistos como efeminados, frouxos e incapazes de enfrentar o hoplita treinado.

Cartledge (2003, p.200), compreende que esse tipo de representação não só servia para glorificar a vitória grega sobre os invasores persas, mas também para cristalizar o ideal grego de cidadania. Se pensarmos a Grécia clássica, a nudez masculina, principalmente em atividades esportivas e cívicas, era um símbolo de força, disciplina e liberdade, enquanto, entre os bárbaros, ser visto nu era considerado um grande vexame, como relatado por Heródoto.

Heródoto, comenta que para quase todos os povos bárbaros, a exposição do corpo nu era uma desonra até mesmo para os homens, uma nítida observação que revela a profunda diferença entre os códigos de comportamento de gregos, sugerindo que o corpo nu não apenas simbolizava virtude física e autossuficiência, mas também representava uma ligação com a vida pública e o exercício de cidadania e não a nudez e a uma perda de honra.

Tucídides também faz referência a essa distinção cultural ao abordar as competições atléticas na Grécia. Ele menciona que, em tempos passados, os atletas gregos competiam usando tangas, prática comum na antiguidade, mas que foi eventualmente abandonada, refletindo a crescente valorização da nudez como uma expressão da forma física e do espírito competitivo dos cidadãos gregos.

Tucídides destaca ainda que, no passado, os próprios gregos viveram de maneira mais semelhante aos “bárbaros”, o que implica que as práticas gregas evoluíram com o tempo, até que a nudez se tornasse um símbolo de orgulho e liberdade. Com isso, ele sugere que a civilização grega desenvolveu progressivamente uma consciência sobre a importância do corpo e da sua exibição.

Xenofonte, na sua obra *Cyropaedia*, oferece uma perspectiva mais matizada sobre a relação entre gregos e bárbaros. Embora ele não deixe de reconhecer as diferenças culturais, sua obra reflete uma era em que os preconceitos contra os bárbaros se tornaram menos rígidos. Através da figura de Ciro, o Grande, Xenofonte

vai indicar que os “bárbaros”, embora diferentes, não são necessariamente inferiores, e que certas qualidades, como a liderança e a coragem, podem transcender as barreiras culturais. Esse olhar mais positivo sobre os não gregos, e que eventualmente reflete uma mudança no pensamento grego, especialmente no final do período clássico, quando o contato com outras culturas se intensifica.

Em meados do século IV a.C., Finley (1985, p.63), vai concluir que o cenário político grego começou a se transformar. O paradigma da polis, que durante séculos havia sido o pilar da identidade e organização política helênica, enfraquecia gradualmente, principalmente diante das crescentes dificuldades internas e externas. Esse declínio abriu espaço para a aceitação de novos modelos políticos que, até então, eram amplamente rejeitados. Um desses modelos foi o conceito do bom monarca, que começou a ser visto com menos desconfiança, especialmente em um contexto de instabilidade, onde as pequenas comunidades gregas, por vezes, buscavam estabilidade e segurança em figuras de autoridade centralizada.

Por último, em sua *Ciropédia*, Jenofonte é um exemplo de uma época em que os preconceitos contra o bárbaro começaram a se suavizar. No auge do século IV a.C., com o paradigma da pólis enfraquecido, a Hélade considera mais aceitáveis alguns modelos políticos alternativos, como a figura do bom monarca<sup>44</sup> (Burgos, 2010, p. 09)

Nesse novo ambiente, o costume da indumentária extravagante, que antes simbolizava o exotismo bárbaro, começou a ser reinterpretado. A associação desse tipo de vestimenta à Média, conforme relatado, reflete essa mudança de percepção. Enquanto no século V a.C., durante as guerras greco-pérsicas ou “Guerras Médicas”, os gregos frequentemente confundiam persas e medos, utilizando o termo “médico” para se referir genericamente aos seus inimigos, no século IV a.C. a distinção entre esses povos ficou mais clara.

Xenofonte, por exemplo, faz questão de separar as duas culturas, observando que os medos eram conhecidos por seus trajes exuberantes, enquanto os persas, apesar de seu poder, mantinham uma simplicidade relativa nas vestes e no modo de vida.

Essa distinção entre medos e persas indica uma sofisticação crescente no entendimento grego das culturas orientais, resultado de séculos de contato e, por

---

<sup>44</sup> Por último, en su *Ciropedia*, Jenofonte es exponente de una época en que los prejuicios contra el bárbaro se han ido matizando. En pleno siglo IV a. de C, debilitado el paradigma de la polis, la Hélade considera más aceptables algunos modelos políticos alternativos, como la figura del buen monarca. (Burgos, 2010, p. 09)

vezes, conflito. Xenofonte, especialmente em sua obra *Anabasis*, oferece uma visão mais matizada sobre os persas, demonstrando que, após a longa história de relações entre gregos e bárbaros, os preconceitos simplistas que marcaram o século anterior estavam sendo gradualmente substituídos por um entendimento mais detalhado e preciso dessas culturas. No entanto, apesar desse avanço no conhecimento, a maioria dos gregos ainda se percebia como pertencentes a um mundo culturalmente distinto, e a ideia de oposição entre gregos e bárbaros continuava forte, especialmente quando se tratava de persas.

Esse sentimento de distinção foi habilmente explorado por líderes como Filipe da Macedônia e seu filho, Alexandre, o Grande. Ambos souberam usar a antiga rivalidade entre gregos e persas como uma ferramenta política. Segundo Worthington (2014, p.104), Filipe II, ao tentar unir os gregos sob seu comando, apelava para a memória coletiva das Guerras Médicas, apresentando-se como o vingador da agressão persa ocorrida entre 490-479 a.C. Alexandre, por sua vez, seguiu uma estratégia semelhante, mas com uma visão ainda mais ambiciosa: ele não apenas buscava vingar as ofensas passadas, mas também se via como o líder predestinado a conquistar e civilizar o Oriente. No entanto, esse apelo ao antigo antagonismo entre gregos e bárbaros nem sempre foi bem-sucedido. Muitas poleis gregas, zelosas de sua independência e avessas à centralização do poder, resistiram às tentativas de unificação.

Assim, embora o século IV a.C. tenha testemunhado uma reavaliação das relações entre gregos e persas, e até uma maior aceitação de elementos culturais anteriormente rejeitados, como o modelo de monarquia, a polarização entre a liberdade grega e o despotismo, ainda desempenhou um papel importante na política e na cultura helênica. A imagem dos persas, e especialmente dos medos, como representantes de uma civilização opulenta, mas moralmente inferior, continuou a ser uma ferramenta útil para aqueles que, como Filipe e Alexandre, buscavam justificar seus projetos expansionistas e de hegemonia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O confronto com o império persa, foi um catalisador, não somente perante os eventos significativos militarmente, mas também por uma intensa reflexão sobre a identidade grega e os valores fundamentais que a sustentavam. Os confrontos e

batalhas, não se restringiram, afinal, a uma luta física, tornaram-se uma luta por preservação, preservação de um modo de vida de conceitos ideais essenciais para os gregos.

O temor de que a rendição significasse a perda irreversível de tal qualidade, eventualmente é apropriado como sendo o fator motivador para os exércitos, mobilizando aqueles que poderiam chamar-se cidadãos e principalmente, aqueles que poderiam chamar-se de guerreiros. A ideia de abrir mão da independência ateniense, era na prática, uma ameaça à própria essência do que significava ser ateniense. As narrativas vão esclarecer tal acontecimento, o heroísmo proposto nos campos de batalha e a introspecção do que significa ser grego, todos os relatos deste período não somente celebraram a vitória, mas também enfatizaram a importância de valores como a democracia, a participação cívica e a resistência contra a tirania, sendo assim, as guerras greco-pérsicas foram o ponto de inflexão necessário, aquilo que moldou a narrativa cultural da ática, solidificou a noção da importância que é um povo conjunto.

Se faz fundamental também, reconhecer os tragediógrafos, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, para além da construção narrativa de relatos, a construção da tríade grega, perante o visual para os homens daquele tempo. Sófocles é normalmente apresentado como sendo ateniense, uma informação questionável de acordo com Jacques Jouanna (2007), afinal, ele aponta que existem fontes medievais que abordam a biografia de Sófocles e mesmo neste período, as opiniões divergem, Moura (2019) em seu estudo “Vida de Sófocles”, acompanha a lógica e indica uma lacuna significativa nas evidências que sustentem o nascimento de Ésquilo em Atenas e o fato das fontes não serem claras quanto a isso, não gera consenso entre os estudiosos, portanto, refletir sobre as narrativas e a maneira a qual estas podem ser moldadas, obviamente não é um fato que irá diminuir sua importância no cenário ateniense.

Eurípedes também possui uma ruptura e uma continuidade em relação às tradições dramáticas de sua época, com uma abordagem mais crítica e questionadora ele enfrenta os demais tragediógrafos, desafia normas morais impostas e coloca a realidade ateniense a par para todos.

Ésquilo, sendo um dos principais do mundo antigo, apresenta a profundidade em suas obras, possibilitando estudos em campos atuais, testemunhou os eventos que moldaria o curso político de Atenas e ao presenciar as transformações sociais,

tornou-se um cronista involuntário de seu tempo, refletiu em suas obras as tensões de um povo em busca de definição e de justiça, em minha perspectiva, ao representar os persas, não somente fez ecoar a retórica da guerra, como também a fez com representações de ideais cívicos impostos, portanto, principalmente se tratando da tragédia *Os Persas*, uma riqueza de reflexão é cabível, pensar a natureza do “outro” e xenofobia em um contexto antigo, levando em conta a maneira como os persas são apresentados em suas obras, revela o quanto os medos e as ansiedades dos gregos em relação ao grande império Aquemênida, demonstra a fragilidade de sua própria identidade.

Ésquilo, de fato possibilita uma análise crítica da xenofobia, não apenas como um sentimento de aversão, mas como uma construção social que estava intimamente ligada às realidades políticas de seu tempo e se analisarmos a função dos tragediógrafos, de forma direta ao papel da pólis, evidenciaremos o meio em que a estrutura e as organizações ultrapassaram os limites físicos do anfiteatro.

Fundamentalmente, o desenvolvimento da cultura da autonomia é advinda do debate público e ativa participação dos cidadãos, proporcionando o florescimento da intelectualidade e da cultura posterior, estimulando o conhecimento filosófico e desenvolvendo um espaço estimulante aos pensadores. E por fim, o mais importante, não posso deixar de mencionar o quão significativo para o ocidente foi a obra de Heródoto, se observarmos que seu trabalho transcendeu todos os limites até o teu momento, no que diz respeito a guardar relatos. Heródoto não somente trouxe uma simples narração histórica, se apresentou como uma fonte inovadora de informações, culturais e geográficas, ainda que indiretamente, dos povos conquistados e conhecidos, como afirma Veyne (1998).

Heródoto, relatou os eventos que testemunhou ou ouviu falar e conforme o fez, enveredou uma análise etnográfica, aprofundando o contexto geral histórico e utilizando as etapas das conquistas persas, ele deixou como legado ao futuro, as bases fundamentais para a compreensão dos povos antigos.

Tucídides, seu sucessor na tradição histórica grega, estabeleceu uma metodologia mais próxima das ciências naturais, onde a narrativa histórica deveria ser baseada em evidências verificáveis, com o objetivo de reduzir o que ele considerava “fatos sem provas”, portanto, os relatos históricos deveriam trazer análises de causas e consequências dos eventos.

Ainda que seja pensado e desenvolvido, os meios a qual o processo de desenvolvimento da identidade ática se deu, refere-se a criação de um estereótipo mítico, trazendo em seu âmago a trágica ideia de que os persas, são os amaldiçoados e comedidos ofensores dos deuses.

Ainda que Tucídides tenha implicado as causas mais próximas de um real motivo para a derrota da invasão Aquemênida, o conceito mítico prevaleceu, sendo fortificado e apropriado pelos homens que participaram das batalhas e que cresceram no calor da guerra.

O fato é que prevalecer uma identidade livre perante a condição de uma identidade subjugada a um império, não era uma questão aceitável aos gregos antigos, entretanto, a construção de um discurso preconceituoso perante os povos orientais, não pode passar despercebido, não enquanto tal discurso, além de séculos no futuro, continuam sendo apropriados e gerando problemas para estes mesmos povos. Finalizo minha análise, concluindo que não se tratou apenas de uma questão de medo, mas sim de uma construção cultural, construção essa, que tornou-se enraizada nas dinâmicas sociais e políticas causadas por um confronto bélico de alta escala.

Meu estudo oferece uma importante contribuição para a compreensão do processo de construção das identidades culturais, com foco específico no contexto da Grécia Antiga. Ao explorar a intrínseca relação entre a guerra e a memória histórica, investiga-se como esses elementos foram utilizados para moldar narrativas que definiram a identidade coletiva dos gregos em contraste com seus "outros", ou seja, aqueles considerados estrangeiros ou diferentes. Além disso, a pesquisa analisa o papel central da tragédia como um veículo artístico e literário para representar e interpretar a alteridade, demonstrando como os dramaturgos gregos refletiram sobre os conflitos e as diferenças culturais de maneira complexa. Dessa forma, o estudo não apenas esclarece as formas de representação da alteridade, mas também evidencia como essas representações contribuíram para a formação de valores, mitos e discursos que sustentaram a identidade cultural grega ao longo do tempo.

O estudo da identidade grega clássica e sua construção em um contexto de guerra e conflito pode ser ampliado de diversas formas, oferecendo novas perspectivas para compreender as dinâmicas culturais e sociais do período, um possível desdobramento seria a realização de uma análise comparativa com outras

culturas antigas, como a romana ou a persa, a fim de identificar semelhanças e diferenças nos processos de construção identitária em meio a situações de conflito.

Enquanto os gregos utilizavam a tragédia, a memória histórica e a representação da alteridade para consolidar suas narrativas culturais, os romanos poderiam ter se valido de suas práticas políticas, militares e mitológicas para forjar sua identidade em meio às guerras expansionistas, da mesma forma, no contexto persa, as representações dos “outros” e a autoafirmação cultural podem ter sido influenciadas por sua vastidão territorial e diversidade étnica.

Portanto, pretendo percorrer a ideia de que comparar esses casos permite uma compreensão mais ampla das estratégias utilizadas por sociedades antigas para lidar com o conflito e a alteridade, bem como das formas simbólicas, políticas e culturais através das quais elas estruturaram suas identidades coletivas.

Outra perspectiva interessante seria a investigação de como os conceitos de identidade, liberdade e tirania, articulados no mundo grego clássico, continuam a influenciar as representações culturais em períodos históricos posteriores, revelando a perenidade e a adaptabilidade desses ideais ao longo do tempo. No Renascimento, por exemplo, os ideais gregos de liberdade e cidadania foram amplamente resgatados, sobretudo na Itália, onde pensadores humanistas reinterpretaram obras de autores como Aristóteles e Platão para fundamentar noções de virtude cívica e governo republicano. Esses mesmos conceitos também emergiram como inspiração artística e filosófica, moldando obras literárias, pictóricas e arquitetônicas que buscavam reviver a grandeza do mundo clássico.

Da mesma forma, durante o processo de construção das identidades nacionais modernas, especialmente nos séculos XVIII e XIX, o legado grego desempenhou papel crucial na consolidação de narrativas nacionais, afinal, as ideias de liberdade e tirania, frequentemente associadas à luta dos gregos contra os persas ou à democracia ateniense, foram reinterpretadas para justificar movimentos de independência e resistências ao absolutismo monárquico, isso, incluindo também o fato de que nos Estados Unidos e na França, por exemplo, a iconografia e os discursos políticos frequentemente evocaram a Grécia Antiga como símbolo de valores democráticos e libertários, portanto, Investigar essas representações culturais permite compreender como os conceitos desenvolvidos na Grécia clássica foram resignificados para atender às demandas e aspirações de diferentes épocas.

A partir das tragédias e dos relatos escritos, pude esclarecer e compreender como tais representações dos persas como uma ameaça autoritária, ajudou a solidificar a identidade cultural grega, enfatizando sua superioridade. Esclareço que os problemas sociais e políticos, ainda que ocorram em nosso tempo, com seus legados do mundo antigo, não são por acaso, não foram um fenômeno isolado, foram um conjunto de interações culturais que desenvolveram o imaginário coletivo, criando a percepção do “outro”, o inimigo.

Portanto, não somente busquei esclarecer a maneira como esses problemas sociais foram retratados no mundo antigo, principalmente na Grécia clássica, mas também, busquei destacar a relevância de tal tema para situar e tentar compreender as manifestações contemporâneas, oferecendo uma base sólida para futuras pesquisas sobre como os fundamentos históricos e culturais de aversão, podem moldar as interações sociais no tempo presente.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- ABREU FILHO, J. A. A síntese em História: ensaio crítico e teórico. São Paulo: Contexto, 2012.
- ACHARD, Pierre et al. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- ALMEIDA, V. S. O bárbaro como instrumento de louvor a Atenas em Os Persas de Ésquilo. Revista de Letras, v. 56, n. 1, p. 127-142, 2016.
- ARISTÓTELES. A política. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BALCER, Jack Martin. The Persian Wars against Greece (As guerras persas contra a Grécia): A reassessment. Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte, v. 38, n. 2, p. 127-143, 1983.
- BARROS, J. d'A. O projeto de pesquisa em História. São Paulo: Contexto, 2019.
- BOARDMAN, John. Athenian Black Figure Vases. Londres: Thames and Hudson, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Correa. São Paulo: Papyrus Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Los Herederos. Los estudiantes y la cultura. Argentina: Siglo XXI, 2009.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. Revista de História, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261–294, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422.

BRIANT, Pierre. From Cyrus to Alexander: A History of the Persian Empire. Translated by Peter T. Daniels. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2002.

BURGOS FFFRENCH – DAVIS, Germán. Las guerras médicas: un hito para la identidad de la Grecia clásica. Tiempo y Espacio, v. 25, 2010.

BURKE, P. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BURKERT, Walter. Religião grega na época clássica e arcaica. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CANDIDO, Maria Regina. Medeia e as unidades formais mínimas que ultrapassaram o tempo: grego, romano e da modernidade. PRINCIPIA, [S. l.], n. 13, p. 1–5, 2005.

CANDIDO, Maria Regina. Teatro, Memória e Educação na Atenas Clássica. In: LESSA, F. S.; BUSTAMANTE, R. M. C. (orgs). Memória e Festa. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

CARTLEDGE, Paul. Ancient Greece: A History in Eleven Cities. Oxford: Oxford University Press, 2009. 1. ed.

CARTLEDGE, Paul. The Greeks: A Portrait of Self and Others. Oxford: Oxford University Press, 1993.

CARTLEDGE, Paul. The Spartans. 1. ed. Londres: Pan Books, 2003.

CASSIN, Barbara; LORAU, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros. São Paulo: Ed.34, 1993

CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand Brasil, 1990.

DAVIES, J. K. The Greece After the Persian Wars. In: The Cambridge Ancient History n°V. Cambridge University Press: Cambridge, 2008.

DODDS, E. R. Os Gregos e o Irracional. 1. ed. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

EHRENBERG, Victor. The People of Aristophanes: A Sociology of Old Attic Comedy. Nova Iorque: Schocken Books, 1962.

ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Perspectivas do Homem. Edições 70, 1986.

FERNANDES, P.R. "Ésquilo e 'Os Persas': Repensando a Representação do Bárbaro". NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade, 2015, Ano VIII, Número I, ISSN 1972-8713, Núcleo de Estudos da Antiguidade, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

FIALHO, Maria do Céu. Os Persas de Ésquilo na Atenas do seu tempo. Máthesis, v. 13, p. 209-225, 2004.

FINLEY, M. I. A política no mundo antigo. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

FINLEY, Moses I. The World of Odysseus. Nova Iorque: New York Review of Books, 2002.

FINLEY, Moses. Economia e sociedade na Grécia Antiga. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Imperialismo Greco-Romano. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

HALE, John R. Lords of the Sea: The Epic Story of the Athenian Navy and the Birth of Democracy. Nova Iorque: Penguin (Non-Classics), 2010.

HANSEN, Mogens Herman. The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes: Structure, Principles and Ideology. Tradução de J. A. Crook. Oxford: Blackwell Publishers, 1991.

HARRISON, Thomas. The emptiness of Asia: Aeschylus' Persians and the history of the fifth century. London: Duckworth, 2000.

HERÓDOTO. História: Livro I: Clio. Introdução de Francisco R. Adrados. Tradução e notas de Carlos Schrade. Biblioteca Clássica Gredos, 3. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

HERÓDOTO. Histórias: Livro I - Clio. Tradução e edição por Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

HERÓDOTO. Histórias: Livro II - Euterpe. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

HERÓDOTO. The Histories. Traduzido por Aubrey de Sélincourt; introduzido e editado por John M. Marincola. Nova Iorque: Penguin Classics, 2003. 784 p.

- HOMERO. *Ilíada*. Tradução por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- KAGAN, Donald. *La guerra del Peloponeso*. Tradução de Alejandro Noguera. Barcelona: Edhasa, 2009.
- KNOX, B. N. W. *Athenian Religion and Literature*. In: *The Cambridge Ancient History* nº V. Cambridge University Press: Cambridge, 2008.
- KNOX, Bernard M. W. *The Heroic Temper: Studies in Sophoclean Tragedy*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1983.
- KYRIAKOU, Poulheria. *The Past in Aeschylus and Sophocles*. Berlim: De Gruyter, 2011.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LEWIS, D. M.; BOARDMAN, John; DAVIES, J. K.; OSTWALD, M. (Ed.). *The Cambridge Ancient History*. 2. ed. v. 5, *The Fifth Century B.C.* Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LOW, Polly (Ed.). *The Athenian Empire*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2008
- MALHADAS, Daisi. *As dionisiacas urbanas e as representações teatrais em Atenas*. Em: *Ensaio de Literatura e Filologia*, v. 4, 1983, p. 67-79.
- MOERBECK, Guilherme Gomes. *A forma, o discurso e a política. Gerações da tragédia na Atenas do século V a.C.* Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. 2007
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A origem da tragédia: Proveniente do espírito da música*. Tradução e notas de Erwin Theodor. [S.l.]: eBooksBrasil/Exilado, 2006. Digitalização do livro em papel. Editora Cupolo, 1948. Versão para eBook (Epub e Kindle).
- OBBER, Josiah. *The Rise and Fall of Classical Greece*. Princeton: Princeton University Press, 2015. (*The Princeton History of the Ancient World*). p. 33-52, 2010.
- SILVA, Camila de Moura. *Vidas trágicas: Ésquilo, Sófocles e Eurípides no imaginário helenístico*. Versão corrigida. 2019. *Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2019.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. *Mimesis*, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco. *Mimesis*, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

SOTTOMAYOR, Ana Paula. O anonimato dos bravos de Salamina nos "Persas" de Ésquilo. *Humanitas*: Coimbra, 1974.

SOTTOMAYOR, Ana Paula. O anonimato dos bravos de Salamina nos "Persas" de Ésquilo. *Humanitas*: Coimbra, 1974.

SOWERBY, Robin. *The Greeks: An Introduction to Their Culture*. 3. ed. Milton Park, Abingdon: Routledge, 2015.

STARR, Chester G. *O Nascimento da Democracia Ateniense*. Porto Alegre: Odysseus, 2005.

THOMAS, R. L. *A Enciclopédia de História Grega*. Tradução de Paulo Pinheiro Viana. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

THOMAS, Rosalind. *Herodotus Context: Ethnography, Science, and the Art of Persuasion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

THOMSON, George. *Aeschylus and Athens*. New York: Grosset & Dunlap, 1969.

TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso*. Tradução do grego: Mário da Gama Kury. Prefácio: Helio Jaguaribe. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Edições Imprensa Oficial de São Paulo; Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1987.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre; LLOYD, Janet (Trad.). *Myth and Tragedy in Ancient Greece*. New York: Zone Books, 1990.

VERNANT, J-P e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Revisão técnica de Gerusa Jenner Rosas. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WORTHINGTON, Ian. *By the Spear: Philip II, Alexander the Great, and the Rise and Fall of the Macedonian Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

WRIGHT, Matthew. *The lost plays of Greek tragedy: volume 1: neglected authors*. London: Bloomsbury Academic, 2013.

ZANCO, Amabile Helena. *Mulheres persas no imaginário grego: a representação da alteridade na história de Heródoto*. Campinas, SP, outubro 2019.